

REVISTA **Bzzz**



ANO 4 | Nº 53 | NOVEMBRO DE 2017 | R\$ 12,00

LUIZ MARIA ALVES

O VISIONÁRIO DO DIÁRIO DE NATAL QUE VIVEU O APOGEU DO PODER E DA INFLUÊNCIA AO DISSABOR DO OSTRACISMO

O REI DAS OSTRAS

Heltinho: das areias da praia a eventos badalados

MEMÓRIA PRESERVADA

Construções em Natal mantêm fachadas históricas originais

MUSEU DO SERTÃO

Professor reúne três mil itens da cultura nordestina em Mossoró

VISÃO DE MERCADO

PRESIDENTE DO SINDUSCON/RN, ARNALDO GASPAR JR. FALA SOBRE O DESTINO DA CONSTRUÇÃO CIVIL, PLANO DIRETOR DE NATAL, ELEIÇÕES NA FIERN, A QUESTÃO DA 'EXPULSÃO BRANCA'; APOSTA NO GOVERNO TEMER, E AFIRMA QUE NÃO É "CANDIDATO A NADA"



Carlos Magno

POR QUÊ?

O empresário Nevaldo Rocha deu nome de batalhas a suas empresas. Também, o olhar político e empresarial do filho Flávio Rocha

MACAU

Encantos da terra do sal, carnaval e poesia



Laine Paiva



**Toda história é
repleta de realizações.
Há 40 anos,
cuidar bem de você
é a mais importante.**

40 ANOS DE VIDAS

Há quatro décadas, o sonho de alguns médicos deu início a história do maior e mais completo plano de saúde do Rio Grande do Norte. São 40 anos de cuidado compartilhando saúde. 40 anos de experiências marcantes que ganharam ritmo e abriram novos caminhos, conectados ao que sempre foi o nosso ponto de partida: cuidar de vidas.



40 anos de vidas.

Seja Unimed Natal. Ligue: **3220.6200**

MIDDLE



SCHOOL



HIGH SCHOOL

INOVAR É A NOSSA TAREFA DIÁRIA.

Um programa da University of Missouri e HSE voltado para alunos dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental com certificado de passagem direto para o High School, sem prova de seleção. Além da imersão no inglês e um aprofundado desenvolvimento do pensamento crítico e global, **o aluno terá a oportunidade de obter o primeiro contato com um currículo internacional.**



ROMUALDO GALVÃO
4006.0550

NOMES E HISTÓRIAS FORTES

MUITOS NOMES E SONDAGENS. As eleições do próximo ano estão em todas as manchetes, conversas, esquinas e também negativas. “Não sou candidato a nada”, disse e repetiu o empresário, engenheiro e dirigente do Sinduscon/RN, Arnaldo Gaspar Júnior, que está na capa e recheio desta edição, ao repórter Leonardo Dantas, que o entrevistou no Ocean Palace enquanto, no mesmo lugar, reuniões políticas aconteciam com a esfera de gestores estaduais. Em um dos momentos mais delicados da política brasileira, empresários são sondados como via administrativa para a atividade pública. Porém, há os que rejeitam a ideia com certeza da decisão, como também é o caso do CEO da Riachuelo, Flavio Rocha, que também nas páginas da revista.

A decoração de Natal e o clima de festividades, mais ameno que outrora, é verdade, avisam que 2018 bate à porta. E desse ano, muito por vir. Vai ter Copa, na Rússia, mas é Copa - e vai ter. Eleições no Brasil e cada candidato cujo nome se mostra ao cenário nacional causa certas surpresas, ânimo e fúria, não exatamente nas mesmas ordem e proporção e a depender do público, claro. Eleições no Estado. Crise financeira, violência e tantas pautas que precisaremos de muitas páginas.

E por falar em páginas, as próximas são promessa de ótimas leituras. Destaque para matéria sobre Luiz Maria Alves, um dos nomes mais fortes e controversos que atuou pelas terras de Poti. Diretor do Diário de Natal, Alves era a própria representação do quarto poder. Suas histórias rendem livros e teses. Frases eternizadas. Memórias vastas. Quase uma lenda. E logo mais, só passar umas páginas, nossos leitores que não conviveram com ele o conhecerão melhor. Quem já conhece, vai ter uma ótima oportunidade para recordar.

E mais: moda, arquitetura, turismo, gastronomia, saúde e toda pluralidade da RevistaBzzz.

Ótima leitura!
Equipe Bzzz

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaaabelhinha.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANA PAULA CARDOSO, AURA MAZDA,
CÍCERO OLIVEIRA, GILSON BEZERRA,
LEONARDO DANTAS, OCTAVIO SANTIAGO,
RAFAEL BARBOSA, VÂNIA MARINHO,
WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
THAMISE CERQUEIRA

FOTOS
CANINDÉ SOARES, CARLOS MAGNO,
CÍCERO OLIVEIRA, ELAINE PAIVA,
EVALDO GOMES, JOÃO NETO,
LUCIANO AZEVEDO, PAULO LIMA

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

ERRATA:
NA EDIÇÃO ANTERIOR, A MATÉRIA SOBRE
SÃO RAFAEL SAIU COM ERRO DE REVISÃO NO
TÍTULO. O CORRETO É ATLÂNTIDA DO SERTÃO.

Natal em Natal

*Já é Natal
na Cidade do Sol.*

De novembro a janeiro, Natal se ilumina e fica ainda mais bonita. É o Natal em Natal. Uma festa por toda a cidade, com shows, apresentações culturais, cinema, literatura, fotografia, artes plásticas e gastronomia. Confira a programação, reúna os amigos e a família e curta tudo que a nossa cidade tem de bom.

Já é Natal em Natal.

www.natal.rn.gov.br



PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADÊ



84 Mete balanço

A arquitetura que encanta e arrepia

74 ANTENADOS

E-commerce de comida é sucesso



28

Alerta

Pacientes com doenças genéticas raras estão sem repasses da medicação

56

Destaque

Equipe do Hospital do Coração consegue diagnosticar síndrome rara e salva vida de francês que passeava pelo RN

80

Beleza

Cuidados com a pele nunca são demais



PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA

RAQUETE

Banqueiro com DNA potiguar, João Dionísio Amoedo não poupou tempo e deu a largada oficial para a sucessão de Michel Temer, com o lançamento da sua pré-candidatura a presidente pelo partido que idealizou e fundou: NOVO. Também já lançou nome para o governo do Distrito Federal: Alexandre Guerra, mandachuva da rede de fast food Giraffas.



Divulgação

TOP

João Amoedo foi capa da quarta edição da Revista Bzzz, em entrevista exclusiva à jornalista Ana Paula Davim, no escritório que também mantém em São Paulo. Das afirmações, disse que a intenção do partido é gerir o poder público nos moldes empresariais.

URNAS

Nos escaninhos brasilienses, a Abelhinha-Planaltiana observou conversa entre bambambãs do PSB e PDT sobre o apoio à candidatura de Ciro Gomes para presidente. Acontece que o PSB também deseja ter o ministro-supremo-aposentado Joaquim Barbosa para concorrer à cadeira presidencial. E olha que Barbosa ficou de analisar. Com carinho.



Divulgação



Divulgação

PENSANDO BEM

Por falar nas urnas presidenciais, observaram a desenvoltura do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), na interlocução de governadores e demais políticos junto a Michel Temer, na busca de recursos para tirar estados e municípios do atoleiro?

Huuuummm...

JÁ PENSOU?

Se um democrata chega à presidência da República? O que diria o ex-presidente Lula da Silva, que num passado não distante bradava nos discursos que iria “extirpar o DEM da política brasileira”.

É.

ALFINETE

Oposição ao governo do RN, a deputada estadual Larissa Rosado (PSB) requereu, na Assembleia Legislativa, que os cargos de chefia e direção indicados pelo governador Robinson Faria (PSD) façam um curso de gestão e liderança. A solicitação foi encaminhada à Secretaria de Administração e de Recursos Humanos.

Divulgação



TERRITÓRIOS

Os deputados estaduais Jacó Jácome (PSD) e Albert Dickson (PROS) já tiveram uma relação bem mais amistosa. A chegada de 2018 estremeceu a cordialidade entre os dois. A esposa de Albert, a vereadora de Natal Carla Dickson (PROS), vai disputar cadeira da Assembleia Legislativa. Ele, por sua vez, tentará ingressar na Câmara dos Deputados, onde o deputado federal Antônio Jácome (PODE) representa o eleitorado evangélico do RN.

MATEMÁTICA

A repetição da dobradinha entre os senadores Garibaldi Alves Filho (PMDB) e José Agripino Maia (DEM) em 2018 está cada vez mais distante. Gari acredita que uma composição com o prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves (PDT), é bem mais interessante para a sua reeleição. Com essa costura, Agripino teria que estimular uma segunda candidatura da direita, para entrar acompanhado no pleito do próximo ano.

ENFIM(?)

Coube ao governo de Michel Temer, nessa fase mão aberta, fazer a maior liberação de recursos para as obras da Barragem de Oiticica, no Rio Grande do Norte, que se arrasta há anos. Muitos anos. A última - e maior - liberação foi no dia 17 de novembro último, no valor de R\$ 39,3 milhões. Até então, o maior repasse foi feito em junho do distante ano de 2013, no valor de R\$ 20,6 milhões.

OPERETA

Com a liberação dos R\$ 39,3 milhões, o valor do convênio assinado em 2013, de R\$ 292 milhões, 'já' chegaram aos cofres do governo potiguar para as obras mais de R\$ 259 milhões.

POIS BEM

Acontece que as obras da Barragem de Oiticica, considerada a solução definitiva para a escassez de chuvas no Seridó potiguar, sofreu um aumento de R\$ 104 milhões em 2016. Com o reajuste, passou de R\$ 292 milhões para R\$ 311 milhões.

TEM MAIS

Com a inflação subindo rápido os degraus, somou-se mais um aditivo, e a previsão dos recursos necessários aponta para R\$ 415 milhões. E a contrapartida do governo estadual, que era de R\$ 19 milhões, saltou para a casa dos R\$ 25 milhões.

OPERAÇÃO

Segundo a KL Serviços de Engenharia, responsável pelo projeto, a "barragem passou por várias etapas e estudos e elaboração do projeto". Para se ter ideia, a primeira etapa teve início na primeira metade do século passado (1950), a cargo do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca). Em 1989 começou a segunda etapa, dessa vez por meio de convênio entre o DNOCS e o governo estadual.

TARTARUGA

Em 1993, as obras foram paralisadas, e os estudos retomados pelo governo do RN, por meio da Secretaria de Recursos Hídricos. Enquanto isso, o povo padece de sede. E fome. Se pronta, estaria hoje possibilitando o abastecimento para cerca de dois milhões de habitantes, e contribuindo com a geração de energia elétrica em 3,52 MW. Além de recreação, lazer e incentivo para o turismo na região. A barragem, localizada no Rio Piranhas-Açu, em Jucurutu, terá capacidade para armazenar mais de 556 milhões de m³. Inundará uma área de seis mil hectares.



Luiz Maria Alves ao lado de Diógenes da Cunha Lima

O poderoso chefão

Controverso, intenso, revolucionário e vanguardista. À frente do Diário de Natal por décadas, Luiz Maria Alves podia ser considerado tão poderoso quanto governadores e outros políticos locais

Por Hayssa Pacheco



QUEM VIVEU A NATAL do pós-guerra até os idos dos anos 90 já ouviu falar em Luiz Maria Alves. O seu nome se confunde com a história da imprensa potiguar. Durante 30 anos ele dirigiu o Diário de Natal, que foi o maior jornal do estado, e por meio dele lutou por causas importantes para a Capital do Sol, a maioria em defesa do meio ambiente. Seu Alves, como era conhecido, foi um homem de extremos. Viveu a riqueza dos seringais do Amazonas e a falta de comida na mesa da família. Foi de militante comunista à extrema direita, amado por muitos e odiado por tantos outros, recebeu nomes importantes da política em seu gabinete e esquecido nas salas de espera ao fim de sua vida. Viveu anos ao lado do poder – era o próprio poder - e morreu acompanhado da solidão.

“Seu Alves foi um visionário, enfrentou a vida com muita vontade.

Natural de família milionária, do Amazonas, que quebrou com a crise da borracha. Começou a trabalhar para uma companhia inglesa ainda muito jovem como telegrafista, depois tornou-se tradutor, em seguida repórter e chegou a ser diretor do Diário de Natal, onde foi um vanguardista, mas também era um homem muito controverso”, descreve em poucas palavras a jornalista Francineide Damasceno, que escreveu o livro-reportagem “Luiz Maria Alves: um marco na imprensa potiguar”, como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, em 2001. Francineide também trabalhou com Alves no Diário de Natal, e foi o próprio quem aplicou o teste de português e matemática que costumava fazer com seus funcionários antes de admiti-los. Ela era uma jovem de 16 anos, candidata a uma vaga no setor de cobranças.

“

Seu Alves foi um visionário, enfrentou a vida com muita vontade. Natural de família milionária, do Amazonas, que quebrou com a crise da borracha. Começou a trabalhar para uma companhia inglesa ainda muito jovem como telegrafista, depois tornou-se tradutor, em seguida repórter e chegou a ser diretor do Diário de Natal, onde foi um vanguardista, mas também era um homem muito controverso.”

Francineide Damasceno, jornalista

Pioneiro

Homem de muita leitura desde a infância vivida na Amazônia e fluente na língua inglesa, ele sempre se manteve atualizado com o que se passava no Brasil e fora do país. Lia muitas revistas estadunidenses e inúmeros livros, o que o tornou um pioneiro da imprensa potiguar. Ingressou no jornalismo como tradutor, à época era operador de telegrafia na *Western Telegraph Company*, companhia inglesa que abriu uma estação em Natal sete meses antes do início da Segunda Grande Guerra. Alves veio para a capital potiguar com a companhia, em 17 de fevereiro de 1939.

Com o fim da guerra, muitas empresas iam iniciar severos cortes, a Associated Press, que prestava o serviço telegráfico ao Diário de Natal, estava de mudança para Nova York, de onde transmitiria o material em inglês. Foi então, quando em maio de 1945, que Luiz Maria Alves passa a acumular o emprego que tinha na Western com o trabalho de tradutor no Diário. Depois, tornou-se repórter. A partir daí começou a mudar a história da imprensa no Rio Grande do Norte.

Além de vasto repertório literário, Alves também possuía

forte faro jornalístico. Propões que o Diário de Natal começasse a fazer reportagens de rua para que o jornal publicasse fatos locais com o intuito de aproximar a notícia do leitor. Apesar de ter sido um repórter político, também cobriu economia, esporte e valorizava o noticiário policial. Fez grandes matérias e sempre seguiu as lições de Assis Chateaubriand, de que “Jornal bom é jornal que vende”. Ele dizia que para o leitor o que importava era a proximidade com a notícia de seu cotidiano e encontrar o jornal na banca.

De tradutor a diretor

Após 13 anos acumulando a função de repórter do Diário de Natal durante o dia e seu emprego à noite na Western, em março de 1958 é convidado a assumir a direção do jornal no lugar de Edilson Varela, que estava de mudança para Brasília para fundar mais um jornal dos Diários Associados, o Correio Braziliense. Um mês após assumir a direção, ele se aposenta da Western.

Quando recebeu o Diário para administrar, a empresa estava com uma folha de pagamento inchada, muitas dívidas e sem crédito no mercado. Sem experiência ad-

ministrativa, resgatou na memória as técnicas de economia que viu serem adotadas pela empresa inglesa Western, que passou por uma reestruturação durante a grande crise mundial dos anos 30. Enxugou o quadro de funcionários, renegociou as dívidas e empregou recursos pessoais para reestruturar o jornal.

Após o primeiro momento de dificuldades, começou a implementar mudanças, fortaleceu a venda avulsa, levou o jornal para todo o estado e com isso o Diário passou a liderar o mercado de impressos. Alves também iniciou o pagamen-

to de bons salários aos jornalistas para que eles não precisassem ter mais de um emprego; modernizou a redação, implantou o sistema off-set de impressão, tecnologia mais avançada que existia no Brasil na década de 70. O DN foi o primeiro periódico do Nordeste a fazer tal mudança. Também implantou o setor de documentação para a preservação da memória através da microfilmagem. Nos anos 80, outras inovações chegaram ao jornal, que passou a ter 16 páginas, capa colorida, conteúdo variado e os primeiros computadores chegaram à redação.



Em 1983, Iranilton entrevistando o senador Carlos Alberto na redação do DN

Chatô Potiguar

Foi nesse meio que cresceu o jornalista Iranilton Marcolino, filho de Newton Marcolino, radialista da Rádio Poti. Ele ia ao Diário de Natal com constância para aguardar o pai. Ainda muito cedo, começou a escrever crônicas, ingressou no curso de Jornalismo e em seguida passou a trabalhar na composição do jornal. “Seu Alves dizia: ‘quando o menino estiver pronto vai para a redação’”, lembra Iranilton. Com pouco tempo de casa, o então chefe de reportagem, Albimar Furtado, chama Iranilton para estagiar na redação. “Durante uns três meses fiquei na redação

e na composição sem seu Alves saber, até que um dia ele me pegou saindo no carro da redação”, conta entre risos. “Ele era um homem justo, gostou das minhas matérias e me concedeu aumento com pouco tempo”.

Iranilton também lembra as ilustres visitas que Luiz Maria Alves recebia. “No fim do ano o governador e o prefeito sempre iam ao Diário de Natal falar com Alves, entre outros políticos e pessoas ilustres da cidade. Era uma espécie de cerimônia do beija-mão que acontece tradicionalmente com os governantes ao fim do ano, só que ao contrário”, re-

corda. “Eu vejo Luiz Maria Alves como uma espécie de Chatô potiguar (em referência a Assis Chateaubrind – o criador dos Diários Associados), pela referência que foi para a imprensa do estado”.

Alves também foi um grande visionário. Na década de 70 já se angustiava com o possível fim do jornal impresso. Ele acompanhava de perto o comércio do papel e as tendências mundiais do jornalismo, especialmente as dos Estados Unidos. Foram histórias como essas que marcaram a imprensa potiguar e tornaram Luiz Maria Alves um grande símbolo para o jornalismo do estado.



Prefeito de Mossoró Dix-huit Rosado e Luiz Maria Alves em 1980. O diretor do DN era sempre procurado pelos políticos

Um adversário “árduo” que esconde um patrão justo

Mesmo sendo muito inteligente e admirado, Luiz Maria Alves também era temido e considerado um homem de temperamento difícil. Muitos funcionários do Diário de Natal tinham medo de Seu Alves, mas reconheciam que ele era um homem muito justo, que concedia aumento salarial para aqueles que se destacavam e era implacável na defesa de seus empregados.

Embora ele tenha entrado em contato com a ideologia do comunismo na juventude, não era afeito à causa na maturidade e não gostava muito de jornalistas que seguissem essa orientação política, por isso costumava dizer: “Por sorte ou por azar, os jornalistas comunistas são sempre muito competentes”.

Toda essa garra que tinha para defender seus aliados e ata-

car seus desafetos também utilizava para empregar nas causas que defendia. Emplacou várias batalhas na defesa do meio ambiente, dando espaço nos jornais para tal temática que até então não era abordada pela imprensa. “Ele abriu espaço para que se discutisse esse tema quando tais conceitos não eram tão difundidos, com certeza o fez um vanguardista, pioneiro. Estamos

falando da década de 1970, as páginas dos jornais tratavam mais de política e jornalismo político e Alves provocou o debate através do Diário de Natal. Ouvia pesquisadores, trouxe especialistas, promoveu seminários para tratar de questões relacionadas à preservação do meio ambiente em diversos episódios”, enfatiza a jornalista Cristina Vidal, que escreveu o artigo “Memórias do jornalismo impresso potiguar: a importância de Luiz Maria Alves para a história do Diário de Natal”, apresentado em setembro no Intercom, em Curitiba, Paraná.

Uma de suas lutas mais conhecidas foi a campanha contra a construção da Via Costeira. Alves ouviu especialistas, promoveu seminários, levou o debate para ser discutido com a sociedade e conseguiu mudar o projeto. Caso a interferência ao projeto inicial não fosse vitoriosa, a área de preservação do Parque das Dunas hoje seria coberta por unidades habitacionais. Em 1995, ano de sua morte, o parque também passou a se chamar Jornalista Luiz Maria Alves, uma forma de homenagear o amazonense que ajudou a cidade a preservar o meio ambiente.

Ele também utilizou o Diário de Natal para brigar pelo

“direito à paisagem” na praia de Ponta Negra. Após uma série de matérias publicadas pelo jornal, um decreto municipal passou a proibir a construção à margem esquerda da Avenida Roberto Freire, onde hoje é a área conhecida como *non aedificandi*. Neste

“

A história de Luiz Maria Alves precisa ser contada. É uma história riquíssima (desde o nascimento até a morte) de um homem que efetivamente contribuiu, através de um jornal, para a construção da cidade que temos hoje.”

Cristina Vidal, jornalista

local a população tem acesso à vista do Morro do Careca, mais famoso cartão-postal da capital. Outro caso que ficou conhecido e que ele colocou o Diário a favor das causas ambientais foi a área da Ladeira do Sol, que também brigou para que a socieda-

de tivesse o “direito à paisagem”. Lá seriam construídos edifícios, mas um decreto governamental transformou o local em área de preservação, permitindo a visão panorâmica da praia.

Questões como essas deram a Luiz Maria Alves alguns desafios, mas a sociedade deve a ele tais conquistas. “Pesquisando sobre a Via Costeira, muito do que construí sobre o perfil de Alves foi ouvindo jornalistas que trabalharam com ele no Diário de Natal. Primeiro, vem a admiração. Quem trabalhou com Alves traz essa admiração pelo profissional que ele foi, mas sem fechar os olhos para a personalidade forte. E vale lembrar que ele não era unanimidade. Empresários me afirmaram que ele breca-va o desenvolvimento e usava o DN (Diário de Natal) para isso”, pontua Cristina Vidal, que escolheu o lado defensor do meu ambiente de Luiz Maria Alves como objeto de estudo para o seu Trabalho de Conclusão de Curso em

jornalismo. “A história de Luiz Maria Alves precisa ser contada. É uma história riquíssima (desde o nascimento até a morte) de um homem que efetivamente contribuiu, através de um jornal, para a construção da cidade que temos hoje”, pontua.



Alves dava as cartas no Diário de Natal

Pequena biografia

Filho de Raimundo Alves e Zulmira Marques Cabral Alves, Luiz Maria Alves nasceu em 31 de maio de 1908, no seringal da família, chamado Bom Futuro, à margem direita do Rio Madeira, município de Manicoré, no Amazonas. De família rica e integrante da aristocracia da borracha, ele assistiu à perda da fortuna da família com a chegada da crise da borracha. Ainda muito cedo se viu obrigado a trabalhar para ajudar no sustento da família. Começou

no escritório de um tio em Belém e, aos 14 anos, foi contratado como telegrafista pela Western Telegraph Company (companhia inglesa de telegrafia). Concluiu seus estudos e passou nos vestibulares de Agronomia e Odontologia, mas não cursou nenhum, e foi formado na faculdade da vida, como costumava dizer.

Em 1939, a Western abriu um posto em Natal e Alves veio junto com a empresa. Em 1945, ingressou no Diário de Natal (empresa

integrante dos Diários Associados) como tradutor, e pouco depois ganhou um cargo de repórter, chegando a assumir a direção do jornal, em 1958. Cargo que permaneceu até 28 de abril de 1989, quando foi substituído pelo jornalista Albimar Furtado. A mudança se deu com a chegada de Paulo Cabral de Araújo no comando das empresas Associadas. Na ocasião, foi-lhe oferecido um cargo de consultor, mas ele não aceitou e optou pelo afastamento da



empresa. Investiu suas economias na criação de um novo periódico, Diário do Estado, que teve uma vida muito breve de apenas 90 dias.

Essas foram apenas algumas das derrotas de Alves. Ele, que já havia sido suplente de senador, foi derrotado nas urnas para o cargo de vereador. A sua vida pessoal também foi cheia de altos e baixos. Foi casado durante 32 anos com Maria do Carmo Barros Alves, com quem teve dois filhos (Eugênia Francisca Alves Felipe e Roberto Luís de Barros Alves). Depois se uniu, por 23 anos, com Maria de Lourdes Paz dos Santos Alves, e com ela teve mais três filhos (Luiz Eduardo, Luiz Ricardo e Luiz André de Souza Alves).

O início do declínio de Alves aconteceu com a morte do filho mais velho de seu segundo casamento. Por ironia do destino, Luiz Eduardo morreu em um acidente automobilístico na Via Costeira, em julho de 1988. Antes de completar seis meses da morte do filho, Alves se separa e vai morar sozinho. Ele ainda teve um relacionamento com Edite Amaral e dessa união nasceu Renata Luana Amaral Alves.

Depois que saiu do Diário de Natal, muitos esqueceram que um dia Seu Alves foi um homem poderoso. Os políticos que antes iam ao seu gabinete visitá-lo no fim do ano o deixaram esperando nas antessalas. Seus últimos dias foram marcados por dificuldades financeiras, a aposentadoria não supria as suas despesas. Morreu de parada cardíaca, em 19 de abril de 1995.

FRASES

Homem controverso que era, Luiz Maria Alves sempre se destacou por sua inteligência e deixou frases que marcaram muitas histórias na capital potiguar. Conheça algumas:

“

Jornal não é guardião da honra de ninguém. Quem tiver sua honra que tome conta dela.”

“

Por sorte ou por azar, os jornalistas comunistas são sempre muito competentes.”

“

Brigue até o momento que você administrar a briga, quando essa estiver sendo administrada por um terceiro é hora de parar.”

“

Não existem ódios eternos, nem amores permanentes.”

“

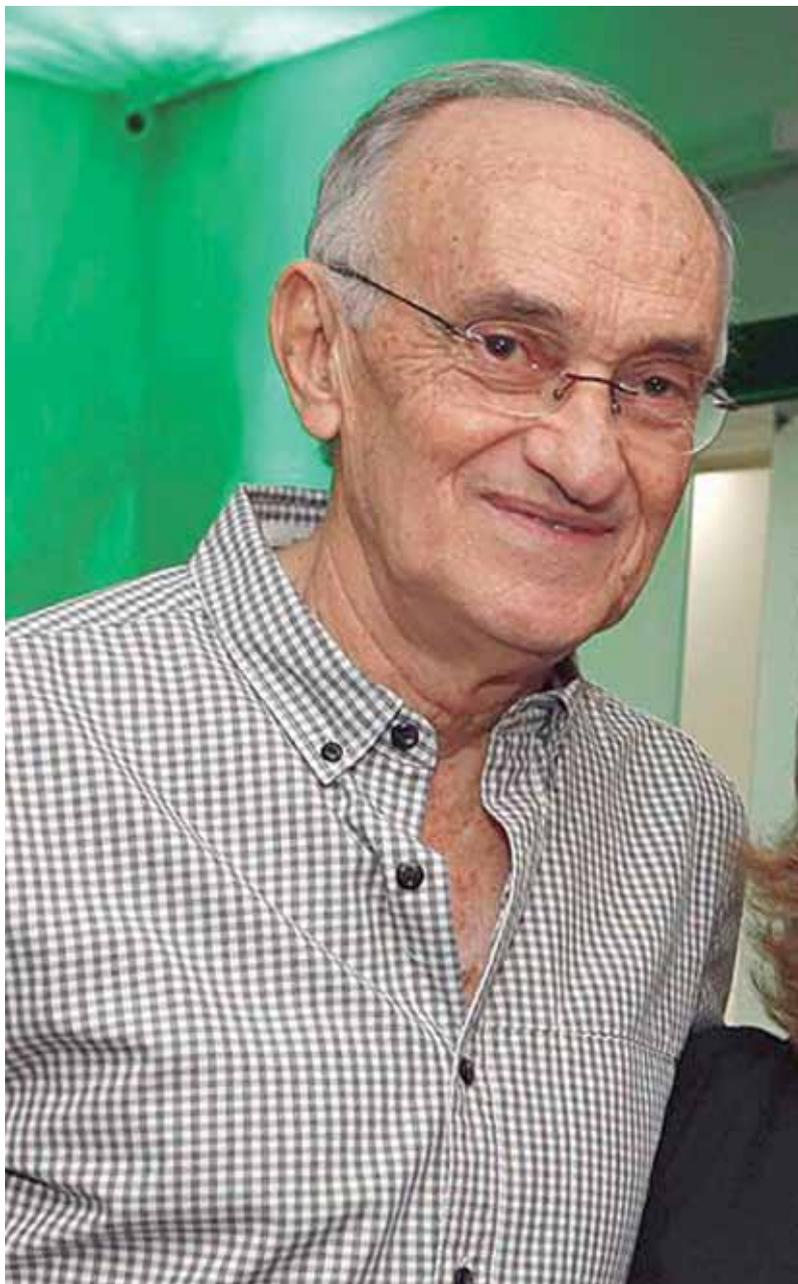
Tentei transformar o meu jornal em uma empresa. E para que isso acontecesse era preciso dignificar a profissão de jornalista.”

O jornalismo como defesa da cidadania

O jornalista Albimar Furtado conviveu com Luiz Maria Alves durante alguns anos no Diário de Natal, onde foi repórter, editor e foi o indicado pelos Diários Associados para suceder a Alves na direção do periódico. Em entrevista ele conta um pouco quem foi este homem que fez do jornalismo a sua bandeira para a defesa de questões que mudaram o rumo do progresso na cidade.

Bzzz - Em sua opinião qual foi o maior legado que Alves deixou para o jornalismo? De que maneira suas decisões influenciavam na cidade?

Albimar Furtado - Luiz Maria Alves tinha a exata noção do que era o jornalismo, de seu conceito e da importância de trabalhá-lo em função do bem comum. Deu demonstrações disso em muitas oportunidades, sempre que surgiam ações e fatos que apontassem a iminência de riscos



para a sociedade. Costumava dizer que não discutia questões de princípio e fez disso uma das balizas para o seu trabalho. Acho que

o grande legado que deixou foi a determinada defesa e ação prática de fazer do jornalismo um instrumento em defesa da cidadania.

Bzzz - Alves trouxe para o jornalismo potiguar questões que até então não eram tratadas, como por exemplo o meio ambiente. A partir daí comprou brigas e fez campanhas pela não construção da Via Costeira e pelo direito à paisagem (como no caso do Ladeira do Sol e da área não edificante de Ponta Negra), o senhor avalia que esses episódios mudaram a história da cidade sobre as questões ambientalistas, já que ele promoveu seminários e trouxe especialistas para debater tais questões?

Albimar Furtado - Luiz Maria Alves, de fato, comprou muitas, boas e consequentes brigas como estas que você lembra em sua pergunta e outras direcionadas à educação, saúde, segurança, indo além do fazer jornalístico quando provocava as discussões em seminários, congressos, cursos, todos com a chancela do Diário de Natal/O Poti, ao lado de uma incisiva linha editorial, sobre estes temas. A questão ambiental já tinha sido tratada em outros tempos, mas não da forma contundente e sequenciada como a que promoveu, provocando na comunidade uma atitude voluntária

de apoio às teses defendidas nas páginas do jornal. Foi dessa forma que ampliou o debate sobre o projeto da Via Costeira, provocando mudanças no desenho original; foi intransigente na defesa do direito à paisagem; e abortou a construção de uma nababesca residência oficial do Governador, em Areia Preta, que depois foi transformada em hotel escola. E o mais importante em tudo isto foi a forte adesão que recebeu na opinião pública.

Bzzz - O senhor substituiu Alves no comando do Diário, poderia descrever o que o Diário de Natal significava para a cidade naquela época? Como era o diretor Luiz Maria Alves?

Albimar Furtado - Há que considerar em Luiz Maria Alves o jornalista e o gestor. Ele tinha a sensibilidade, o espírito irrequieto e o preparo que todo bom jornalista precisa ter. Gostava do jornalismo, uma vocação forte. E tinha a exata percepção do que o Diário de Natal/O Poti significavam para a comunicação e para o Estado. Modernizou a empresa nas áreas administrativa, comercial, gráfica e editorial e com isto ofereceu a Natal e ao Estado um

instrumento de comunicação exemplar.

Bzzz - Considerado um pioneiro e também responsável por modernizar a imprensa potiguar, além de ser um homem controverso em vários aspectos, seja como jornalista, como político e até como amigo, ele chegou a ser considerado o Chatô potiguar. Essas semelhanças param por aí ou realmente podemos fazer tal comparação?

Albimar Furtado - Se algum curioso se der à ação de comparar o trabalho de bons médicos, bons advogados, engenheiros, arquitetos, jornalistas ou gestores, encontrará, dentro de cada ramo de atividade, pontos comuns, semelhanças. E isto existia entre Luiz Maria Alves e Assis Chateaubriand, ampliado pelo fato de que o jornalista Luiz Maria nasceu dentro da escola dos Diários Associados, liderada pelo jornalista paraibano. Quem leu “Chatô - o Rei do Brasil”, de Fernando Morais, encontrará o grande legado deixado por “Chatô” à comunicação e às artes brasileiras. Em Natal não foi diferente com Luiz Maria Alves.

Canindé Soares



Jovens senhoras

Construções antigas da capital potiguar se perdem em meio às modernas edificações. A boa notícia é que também há quem consiga conciliar a memória e o novo

Por **Cícero Oliveira**

Fotos: Cícero Oliveira e Canindé Soares



Os proprietários privados reclamam da falta de incentivos que facilitem a preservação e restauração dos imóveis tombados

NATAL ESTÁ PRÓXIMA

DE completar 418 anos, mas, apesar da idade aparentemente elevada, a cidade ainda parece adolescente, em plena fase das mudanças. Fisicamente, transforma-se a cada instante, avenidas são duplicadas, viadutos e pontes são erguidos, novos bairros surgem em curto espaço de tempo e muitas construções antigas são demolidas para ceder espaço aos novos empreendimentos imobiliários.

Esse comportamento é natural no contexto de desenvolvimento da cidade, mas em algumas situações o antigo e o moderno podem entrar em conflito. Recentemente, demolição de um velho casarão, na esquina da Avenida Nilo Peçanha e Rua Seridó, para que um novo empreendimento comercial fosse construído no local, chegou a provocar protestos da população e de um grupo de arquitetos e urbanistas. O imóvel, embora quase centenário, não era tombado como patrimônio arquitetônico, histórico ou cultural, fato que gerou bastante polêmica.

Camindé Soares



Poder público tem feito esforços para restaurar alguns prédios próprios tombados

Tombar é preciso

Outros antigos imóveis, porém, ganham notoriedade justamente por se manterem preservados, total ou parcialmente, graças ao processo de tombamento, que impede a sua demolição. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e em alguns casos a Fundação José Augusto, são os órgãos responsáveis pela fiscalização e preservação desse patrimônio arquitetônico.

Em Natal, o Iphan delimitou

uma área poligonal de tombamento, localizada entre os bairros da Ribeira e Cidade Alta. Toda intervenção de ordem construtiva, feita nos imóveis dessa área, precisa ser previamente analisada e aprovada pelo instituto. O arquiteto Petterson Dantas, que participa atualmente da equipe técnica responsável pelos projetos de restauração do prédio onde funcionou a antiga Faculdade de Direito, que foi posteriormente a Escola Augusto Severo, explica que “dentro desse po-

lígono existem prédios mais relevantes e que por isso merecem atenção especial por parte do Iphan. Além disso, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC das Cidades Históricas) também serve como referência regulamentadora para obras a serem realizadas nesses locais. Em alguns casos, toda a estrutura do imóvel deve ser mantida da forma original, em outros, é possível modernizar o interior do prédio, preservando a parte externa intacta”.

Ciente da importância da preservação do patrimônio arquitetônico da cidade, a administração pública municipal tem realizado esforços nessa direção, como afirmou o prefeito Carlos Eduardo Alves durante a inauguração das novas instalações do prédio onde funciona o Instituto de Previdência Social dos Servidores do Município de Natal – NatalPrev: “Precisamos preservar a história e memória dessa cidade, para contar às futuras gerações a trajetória de Natal que tanto amamos”. O imóvel, localizado à Rua Floriano Peixoto, no bairro de Petrópolis, teve sua estrutura interna totalmente reformulada, passando inclusive a obedecer exigências de segurança e acessibilidade, porém, manteve a beleza de sua fachada original e a lateral do imóvel totalmente preservadas.



Cícero Oliveira

Peterson Dantas, arquiteto



Cícero Oliveira

Em processo de desenvolvimento, a cidade apresenta estilos arquitetônicos contrastantes

A casa que virou *case*

Bom exemplo de imóvel que passou pelo processo de tombamento e posterior restauração é o casarão de número 479 da Avenida Deodoro da Fonseca. Construída em 1916 pelo comerciante Irineu Pinheiro, a casa foi vendida, anos depois, à família do médico Varela Santiago, quando então foi tombada como patrimônio arquitetônico da cidade. Sem poder sofrer modificações em sua estrutura, o imóvel ficou abandonado e deteriorou-se ao longo dos anos, até que foi comprado pela empresa *Dois A Engenharia*, que decidiu investir no imóvel e recuperá-lo, além de construir um moderno prédio na parte posterior do terreno. Exatamente 100 anos após a sua construção, em 2016, o velho casarão estava devidamente restaurado e com novos habitantes.

Antônio Medeiros, um dos diretores da empresa, conta que a decisão de restaurar o imóvel foi difícil, pois “não há nenhum incentivo governamental para isso, e um trabalho como esse exige muito dos proprietários, que têm que obedecer a uma legislação complexa”. Outro fator que dificulta o investimento em imóveis tombados é que a maioria deles foi construída com fins residenciais, e, portanto, possuem estruturas inadequadas para os



Espelho da vidraça promove o diálogo entre estilos arquitetônicos diferentes

empreendimentos comerciais, que eminentemente ocupam aquela região na atualidade.

O diretor Antônio Medeiros lembra ainda que “muitos materiais usados na construção original quase não existem mais, o que

também atrapalha bastante”. Além dos inúmeros obstáculos enfrentados pela empresa, e convencido de que a legislação que regulamenta os imóveis tombados pode e deve ser aperfeiçoada, ele também é categórico em afirmar que “todo o



esforço valeu a pena, o imóvel valorizou-se significativamente, mas o maior ganho obtido foi em relação ao nosso nome. A população realmente reconhece e valoriza o esforço que foi feito para restaurar e preservar o imóvel”.

Casos como o do casarão da Avenida Deodoro da Fonseca ainda são poucos, principalmente quando estamos falando de imóveis que não pertencem a algum poder público. Mas, como afirma Petterson Dantas, “a preservação do nosso patrimônio é fundamental, isso significa manter viva a história da cidade. Precisamos buscar de forma incessante as soluções que compatibilizam o antigo e o novo, isto significa não esquecer o passado, sem perder os benefícios da modernidade”.



Casarão da avenida Deodoro pouco tempo depois de sua construção



Em alerta

Pacientes com doenças genéticas raras estão sem os repasses de medicamentos que têm direito. Cinco pessoas morreram pela interrupção do tratamento e a situação ganhou proporção nacional

Por Rafael Barbosa



LUCAS CUNHA LIMA TEM 21 anos de idade e é estudante de Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Como é comum aos jovens de sua idade, gosta de sair com os amigos no tempo livre, além de usar seu computador para conversar com os colegas que faz na internet e jogar games online. O rapaz leva uma vida normal. Contudo, ele tem Mucopolissacaridose IV A, doença genética rara que afeta o desenvolvimento ósseo.

A mãe dele, a procuradora estadual Leila Cunha Lima, conta que o filho foi cobaia de um processo de testes de um remédio para frear os efeitos da enfermidade. Lucas iniciou há seis anos o tratamento que, atualmente, é regularizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Segundo Leila Lima, graças ao uso do medicamento Lucas consegue tocar suas atividades cotidianas, dentro de suas limitações. Entretanto, há alguns meses dificuldades para a aquisição desses remédios têm deixado a família apreensiva.

Assim como Lucas, vários brasileiros que sofrem doenças raras dependem do governo federal para receber a medicação necessária à convivência com essas patologias, em virtude dos altos custos dos medicamentos. Nos últimos meses, os remédios não têm chegado aos pacientes por atraso no repasse por parte da União aos estados.

Consequências dos atrasos da medicação

Pelo menos cinco óbitos por interrupção no tratamento já foram registrados entre agosto e o início de novembro de 2017 no Brasil: um em cada estado da Paraíba, Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Pará. No Rio Grande do Norte, aproximadamente 40 pessoas precisam dos medicamentos e estão sem recebê-los.

Quem confirma todas essas informações é a Associação de Mucopolissacaridose do RN (AMPS-RN). De acordo com a presidente da instituição, Andrea da Silva Motta, a situação é grave e coloca em risco a vida dos pacientes. Para receber os remédios, é preciso entrar com uma ação na Justiça, individualmente, e forçar o governo a enviá-los para a distribuição.

Mãe de um filho que também apresenta diagnóstico de Mucopolissacaridose, Andrea ajuda, através da Associação, outras pessoas que precisam de informações sobre esses trâmites, bem como articula ações entre familiares de pacientes e os próprios doentes. O filho João Henrique um tipo de mucopolissacaridose diferente do de Lucas Lima. Trata-se do tipo II, ou Síndrome de Hanter, que ataca o sistema neurológico, a



Andrea da Silva Motta e o filho João Henrique

fala, a coordenação motora, a audição e a visão. Atualmente, João tem 19 anos e leva os dias em cima de uma cama. Ele precisa de aparelhos para respirar, se alimentar e urinar. “E só consegue evacuar com lavagem, de três em três dias”, acrescenta a mãe.

Mesmo assim, segundo Andrea, os órgãos vitais de João Henrique permanecem preservados e funcionando. Isso por causa do uso dos remédios. “Ele está na cama, mas está bem. Agora você

imagine uma pessoa dessa, na cama, sem a medicação. É assinar o atestado de óbito”, lamenta. Ela relata que tem pesadelos, quase todos os dias, em que acorda com medo de o filho estar morto. “Acordo ouvindo pessoas dizendo ‘chama o S.O.S. que é urgência’. Eu levanto da cama com um pulso”. Andrea Motta evitou ter mais filhos, com medo de não conseguir dar atenção devida a João Henrique. Hoje, seu único trabalho é cuidar da Associação de MPs.

Alerta nacional

A falta dos remédios gerou repercussão em todo o país, chegando a provocar um pronunciamento do senador Cássio Cunha Lima (PSDB-PB), que cobrou em plenário o fornecimento das medicações. Posicionou-se depois que um jovem morreu por complicações respiratórias após parar de tomar os medicamentos no início de outubro. Era portador da Mucopolissacaridose tipo IV.

Andrea Motta revela que há um ano vem ocorrendo atrasos no repasse dos remédios, mas a situação piorou nos últimos três meses, porque o governo federal parou de enviar completamente as drogas, provocando a interrupção nos tratamentos.

De acordo com Leila Cunha Lima, para custear durante quatro meses as infusões dos remédios ao filho ela precisaria desembolsar R\$ 780 mil. No caso de João Henrique, o medicamento necessário para ele viver custa R\$ 250 mil, para o uso durante três meses.

Os pacientes realizam sessões semanais de infusão do remédio, aplicado na veia, por um período de cinco horas. O procedimento impede que os quadros de saúde deles se agravem. “Não é possível reverter o que a doença já provocou, mas o remédio impede que o quadro piore. Todo mundo tem direito à vida e a saúde é um direito constitucional assegurado”, lembra Leila.

“

Não é possível reverter o que a doença já provocou, mas o remédio impede que o quadro piore. Todo mundo tem direito à vida e a saúde é um direito constitucional assegurado.”

Leila Lima



O senador Cássio Cunha Lima (PSDB-PB) cobrou em plenário o fornecimento das medicações

Mucopolissacaridose

Trata-se de uma doença genética que pode se apresentar de diferentes maneiras, a depender de qual tipo da patologia o paciente é portador. São nove tipificações. Tanto no caso de João Henrique como no de Lucas a síndrome foi identificada ainda nos primeiros meses de vida.

Em todos os casos de mucopolissacaridose o organismo apresenta deficiência na produção de enzimas, que têm funcionalidades distintas no corpo humano. Daí a diferença entre cada um dos tipos de manifestação da doença.

João Henrique teve os primeiros sintomas aos quatro anos de idade, mas só aos 11 iniciou o tratamento com os remédios. Os primeiros experimentos com essas medicações ainda são muito recentes. Nessa época ele já não andava, não falava e se locomovia em uma cadeira de rodas. Aos 13 anos teve uma hidrocefalia (aumento anormal de fluidos cerebrais), que o deixou acamado até os dias de hoje. Andrea Motta alerta que quanto mais cedo o tratamento for iniciado, menores são os efeitos da doença.

No caso de Lucas, o tratamento começou ainda enquanto cobiava de um teste dos remédios que hoje são os oficialmente recomendados para a Mucopolissa-

caridose. Ele tinha 15 anos. Apesar de apresentar dificuldade no crescimento e desenvolvimento dos membros, Lucas Lima estuda e está na metade do curso de Engenharia Elétrica. Ele é o mais velho de quatro irmãos e, segundo a mãe, um dos mais felizes de seus filhos. “Um menino alegre, feliz, que leva uma vida normal. Mas precisa do remédio pra que continue assim”.

O gênero da Mucopolissacaridose é o mais presente entre as doenças raras no Rio Grande do Norte. De acordo com a Associação de Mucopolissacaridose do RN, são 19 pessoas que têm algum dos tipos de MPs. Porém, há no estado potiguar pacientes com outras enfermidades raras, como Doença de Pompe, Doença de Fabry, HPN (Hemoglobinúria Paroxística Noturna), SHUa (Síndrome Hemolítico Urêmica Atípica). As duas primeiras também relacionadas a deficiências enzimáticas e as outras acometem o sangue. Todas as pessoas doentes dessas síndromes precisam de medicações para impedir os avanços dos efeitos e também estão prejudicadas com o atraso.

Os medicamentos em falta são Vimizim, Naglazyme, Elaprase e Aldurazyme. Todos com preços elevados para aquisição individual, sem a ajuda do Estado.





Lucas Cunha Lima, com apoio da medicação, realiza diversas atividades

Responsabilidades

A Bzzz procurou o Ministério da Saúde para que se posicionasse a respeito dos atrasos. Em resposta, o MS disse que “cumpre todas as decisões que a Justiça determina sobre medicamentos e tratamentos no âmbito do SUS”.

Também por meio de nota, informa que os “medicamentos, aldurazyme, vimizim, naglazyme e o eculizamabe (soliris) já estão em processo de compra na área responsável do Ministério da Saúde, seguindo os trâmites legais para atender os pacientes. Cabe destacar que com o intuito de prevenir fraudes na compra do medi-

camento Eculizumabe, que custa R\$ 1,3 milhão por paciente/ano, o Ministério da Saúde realizou uma auditoria sobre os pacientes e os estabelecimentos de saúde que os atendem. Das 414 pessoas que possuem decisões judiciais para receber o medicamento neste ano, 28 não foram localizadas; cinco não residem no endereço informado; seis se recusaram a prestar informações e 13 já faleceram. Deve ser observado que cerca da metade não apresentou diagnóstico da doença para a obtenção do medicamento”.

Ainda de acordo com o Mi-

nistério da Saúde, como os medicamentos são obtidos através de decisão judicial, deve-se obedecer a prazos estabelecidos por lei para processos de compra, já que são recursos públicos.

Enquanto isso, os familiares dos pacientes seguem aflitos, temendo que eles possam ter o mesmo destino que os cinco falecidos por falta de tratamento. “Eles precisam desses remédios para ter o mínimo de qualidade de vida. Lucas, por exemplo, precisa continuar sendo esse modelo de vida, de alegria, para continuar a progredir”, atenta Leila Cunha Lima.



Museu do Sertão

Professor que reúne há 47 anos itens que retratam história e cultura sertanejas cria museu com quase três mil itens de todos os estados do Nordeste

Por Ana Paula Cardoso,
de Mossoró



Além de artigos históricos, Museu do Sertão conta com obras de diversos artistas nordestinos

ATUALMENTE, COM TODA MODERNIZAÇÃO aliada à correria do dia a dia, muitas tradições e objetos típicos da vida sertaneja têm desaparecido. Itens conhecidos por pais e avós são totalmente estranhos aos *millennials* (quem nasceu do ano de 1980 para cá). Em busca de preservar a cultura nordestina, o professor Benedito Vasconcelos reúne, há 47 anos, itens que fazem parte da história e da cultura da região. Todos os objetos, cuidadosamente preservados, estão disponíveis para visitação gratuita no Museu do Sertão, em Mossoró, Rio Grande do Norte.

Professor universitário aposentado, Benedito Vasconcelos Mendes começou a reunir esses artigos no ano de 1970. Ele conta que tudo iniciou com uma bulandeira, antiga máquina usada para ralar mandioca nas casas de farinha, presente dado pela família. O que começou com uma máquina antiga, toda em madeira, transformou-se no acervo com quase três mil objetos, que retratam os mais variados aspectos da vida no sertão nordestino.

“A bulandeira que ganhei do meu tio-avô é feita de cedro e funciona a tração animal. É a única do tipo disponível em um museu no mundo. Foi com ela que comecei a montar o acervo. Quando eu comecei a viajar pelo Nordeste em razão do meu trabalho, fui vendo aquelas agroindústrias do passado sendo desativadas. Dava pena de ver as casas de farinha, casas de rapadura, os currais, tudo se acabando, e fui começando a comprar e trazendo, isso desde 1970”, conta. Ainda tentou doar a bulandeira a outros museus, mas nenhum aceitou, pois o equipamento, composto por três fases, ocupa uma área de 80m², muito grande para os museus urbanos.

Montado no Rancho Verde, na estrada da Alagoinha, o Museu do Sertão foi fundado em 31 de agosto de 2003, com área de quatro hectares e 11 galpões, além de uma casa que reproduz a moradia típica de sertanejos nordestinos: paredes de barro, chão de terra batida e com os objetos que faziam parte do cotidiano de um povo resistente.

Cultura sertaneja nordestina é única no mundo

O museu reúne apenas objetos do sertão, área mais marcada pela seca e com estilo de vida, cultura e história totalmente distintas de qualquer outra do mundo. “O sertanejo nordestino é um povo único no mundo, forte e ao mesmo tempo dócil, de uma religiosidade muito forte. O clima seco da região também possibilitou o surgimento da culinária que só existia aqui, que mistura produtos como a farinha e a goma de mandioca, o mel, a rapadura, a carne seca e a carne de sol, o queijo coalho, todos alimentos desenvolvidos para que se pudessem estocar nas épocas de inverno para os períodos de seca”, explica o professor.

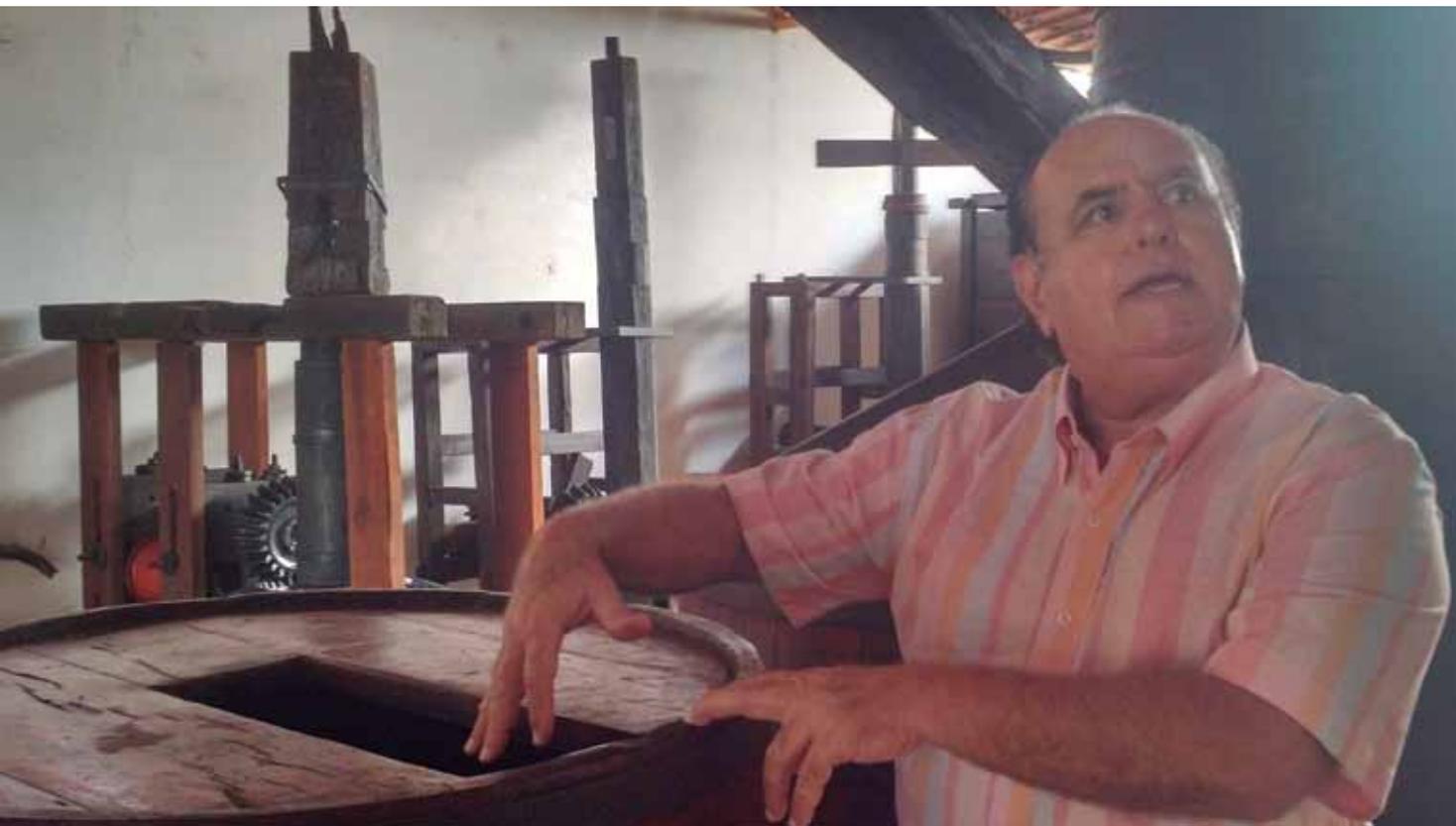
Assim como as casas, Benedito Vasconcelos conta que as agroindústrias eram feitas de taipa (barro), chão batido e cobertura de palha. No museu que ele montou encontram-se casa de cera, casa de farinha, engenho de rapadura, alambique de cachaça, queijaria, cocheira, bodega e utensílios domésticos. “Eu cresci vendo a produção de rapadura e de farinha, vendo as lavadeiras baterem roupas nas pedras dos rios, estudei em salas de mesa dupla e com quadro de pedra, bebi água de pote e muitas outras coisas que fazem parte da nossa cultura. Por isso eu não podia ficar parado vendo tudo isso correr o risco de cair no esquecimento”.



Quadro entalhado em madeira retrata típica profissão de vaqueiro



Vestimenta típica dos vaqueiros sertanejos, própria para proteger o corpo dos espinhos, galhos secos e sol forte da caatinga



Professor Benedito Vasconcelos em frente à bulandeira que deu início ao acervo do Museu

Conterrâneo e colega de classe de Belchior

O professor que guarda as lembranças do sertão lembra da infância na cidade de Sobral, no interior do Ceará, onde foi colega de classe do cantor e compositor Belchior, também natural do município, que morreu em abril deste ano. “As salas de aula não tinham cadeiras individuais como hoje. Naquela época, os alunos ficavam em duplas

em mesas, de acordo com a ordem alfabética. Antônio Carlos Belchior era o número um e eu, Benedito Vasconcelos Mendes, o número dois na chamada e ocupávamos a mesma mesa”.

Benedito também é engenheiro agrônomo e foi diretor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa). De sua autoria são 22 livros. Fundou o museu

com recursos próprios e o mantém até hoje sem nenhum auxílio do poder público. Aposentado, dedica-se ao museu ao lado da esposa, e também professora, Susana Gorretti Lima Leite. Juntos, pesquisam o povo nordestino. Passados 47 anos desde o começo do projeto, o casal continua a reunir itens para o acervo e brinca ao falar que “museu só tem data pra começar”.

Invenção mossoroense

No museu, os visitantes são recepcionados com música típica e o “Rei do Baião” Luiz Gonzaga. Nos 11 galpões é possível mergulhar na história da região, reconectar-se à cultura nordestina e perceber a força do povo sertanejo, que enfrenta adversidades da seca com engenhosidade e fé, como pode ser percebido por um item em especial: a roladeira, uma invenção mossoroense.

“A água de Mossoró era salobra, pois o rio era invadido pela água do mar. Então, no século passado, por muito tempo, a água potável chegava de trem e as pessoas iam buscar na estação, carregando em latas na cabeça. Vendo toda aquela situação, Manuel Português, que era tanoeiro (um tipo de carpinteiro que faz tonéis), adaptou um tonel de vinho, colocou um eixo externo e dois pneus e

inventou a roladeira. Com isso, até uma criança podia puxar 100 litros de água”, detalha o professor.

A roladeira se popularizou rapidamente em Mossoró e, das terras de Santa Luzia, foi levada também para o Rio de Janeiro, onde ajudou famílias a terem acesso facilitado à água no tempo em que água encanada ainda era realidade distante para milhões de brasileiros.



Inventada em Mossoró, a roladeira facilitou o transporte de água pela população de menor renda



Professor Benedito Vasconcelos em frente à bulandeira ganha pelo tio-avô, com a qual deu início ao acervo do Museu

Dupla função social

Além de preservar a vida no interior do Nordeste, o Museu do Sertão desenvolve ações educativas com estudantes de escolas públicas e particulares; universitários e pesquisadores. O espaço é aberto uma vez por mês para visitação. O museu não cobra entrada, mas os ingressos são entregues ao Lar da Criança Pobre de Mossoró, mediante a doação de 1kg de alimento não perecível por cada visitante.

“Como nós não temos uma equipe exclusiva para o museu, só

conseguimos abrir em média uma vez por mês para visitação. Os interessados devem procurar o Lar da Criança Pobre de Mossoró e fazer a doação de 1kg de alimento não perecível. Lá, a irmã Elen preenche uma ficha informando a quantidade de alimentos doados, que é número permitido de visitantes”, explica. Através da parceria com o museu, milhares de quilos de alimentos são doados para o Lar, mantido pela freira alemã Lisonete Scherzinger, mais conhe-

cida como Irmã Ellen, que há 37 anos atende famílias carentes e de animais abandonados em Mossoró. O Museu do Sertão também desenvolve trabalho educativo com crianças, por meio de visitas guiadas e palestras sobre a história do Nordeste. Nas conversas com os estudantes, também são reforçados valores como a importância de se preservar a paz.

Na casa do professor Benedito, que fica ao lado do museu, chama a atenção uma obra feita

por ele: uma velha espingarda com flores na ponta. Abaixo da escultura, lê-se a frase: “Aqui só se atiram flores”. O Museu do Sertão chegou a receber 700 estudantes de uma única vez. “Esse Museu foi sendo construído aos poucos, com muito carinho e esforço. Também sou apaixonada por história e para mim é um grande prazer estar lutando por este museu há 15 anos”, orgulha-se Susana Goretti.

A educadora conta que todo o acervo está passando por catalogação e em breve deverá contar também com site para visitação virtual. “Entramos em contato com uma empresa que trabalha com fotografia e filmagem em 3D e em breve as pessoas vão poder ver pela internet, ampliando o acesso a esse patrimônio histórico e cultural”.



Educadora Susana Goretti se dedica ao Museu há 15 anos

Prêmios

Em sessão solene da União Brasileira de Escritores do Rio De Janeiro, que aconteceu no dia 8 de novembro no Auditório da Sociedade Nacional de Agricultura, Benedito Vasconcelos Mendes recebeu o prêmio “Orígenes Lessa”, em reconhecimento ao seu livro “História da Minha Vida Profissional”. O professor recebeu também o diploma de sócio correspondente da Academia PanAmericana de Letras e Artes (APALA) e o Troféu Imprensa Sem Fronteiras.



Benedito Vasconcelos recebe o diploma da Apala



O REI DAS OSTRAS

Ele é o queridinho da Praia de Ponta Negra e faz a ostra ser “a cara da riqueza”. Das areias da praia aos bares e eventos badalados, Heltinho - e suas incomparáveis ostras - é sempre uma atração

Por Aura Mazda



EM CASA ELE É o pai de família e marido Wellington da Silva, mas nos quatro cantos de Natal reina com majestade, como costuma dizer, sem perder a humildade. Heltinho, mais conhecido como “O Rei das Ostras”, cativa não só pela simpatia, mas também pela igualdade com que trata todos os clientes. Dos 48 anos de vida, mais de 30 são dedicados a um dos mais deliciosos e refinados frutos do mar: a ostra.

Quem for à Praia de Ponta Negra, em Natal, em frente ao Hotel Manary, vai se deparar com um homem moreno e alto, vestido de vermelho (a cor do seu time, o América de Natal) e com um inconfundível sorriso no rosto. Em sua companhia, o fiel escudeiro: um carrinho com muito gelo dentro para manter fresco o seu produto e oferecer o melhor serviço aos que buscam se deliciar com ostras frescas.

É no seu “escritório”, como define a praia, onde Heltinho recebe clientes e reencontra amigos. A sugestão do Rei das Ostras potiguar é que o alimento seja servido apenas com um toque de limão, que acura ainda mais o sabor do mar. Mas para quem quer ir além, ele acrescenta sal, azeite ou pimenta. Aos que desejam um toque de sofisticação, também serve taças de espumante.

“Costumo dizer que a ostra é a cara da riqueza”, define – com sua peculiar risada - o vendedor.

Na praia, aprendeu o significado da palavra trabalho desde muito cedo, não por acaso, foi também a atividade que deu significado a sua vida. Nasceu em Natal, em 1969. Ainda nos braços da mãe, a família se mudou para o município de Arês, no interior do Rio Grande do Norte, onde ficou até os 12 anos.

Em busca de melhores condições de vida, junto do pai, mãe e irmã, voltou para Natal. A família começou a vender caranguejo em Ponta Negra. Ainda adolescente, ele quis seguir os passos dos pais. Aos 16 anos, pegou uma faca improvisada, um balde pequeno e colocou 20 ostras. Para sua surpresa, vendeu todas em uma manhã de “sol a pino” na praia que é cartão postal da capital.

Com o espírito de empreendedorismo, viu na venda das ostras a oportunidade de ter uma vida mais confortável. Apesar da alcunha de rei, orgulha-se pela humildade e simplicidade com que trata os clientes, alguns conquistados há décadas. “Comecei vendendo bem pouco, mas fui aumentando e já cheguei a vender 600 ostras em um sábado de veraneio”, celebra.



Heltinho tem as ostras mais disputadas de Natal

Mente de empreendedor

A inquietação para melhorar a qualidade dos negócios é uma de suas marcas registradas. Ele recorda de um dia em que foi ao aeroporto de Natal, na década de 90, e se deparou com as pessoas usando um carrinho como suporte para carregar malas. Da observação, nasceu uma ideia: mandou fabricar um suporte de alumínio e um carrinho de rodinhas semelhante ao que viu no aeroporto. Em Ponta Negra, foi

pioneiro na ideia. “Eu fui o primeiro a fazer, depois disso todos passaram a copiar”, brinca Heltinho.

Atualmente ele vende uma média de 300 ostras por dia. Em alta temporada, nos meses entre dezembro a fevereiro, não tem um dia em que não esteja na praia, de segunda a segunda, até o produto acabar. “E acaba rápido. Se não chegar nas primeiras horas é capaz de não ter mais”, alerta, orgu-

lhoso do bom trabalho que faz.

Outra marca registrada é a qualidade com que serve as ostras, além da higiene impecável. De uma fazenda em Barra de Cunhaú, no litoral potiguar, ele traz o fruto do mar, onde preserva com muito gelo até chegar ao consumidor final. O sucesso ele atribui ao jeito com que trata os clientes. “O atendimento é o diferencial. Eu trabalho com alegria”.

Das praias a eventos badalados

Para os que querem mais comodidade, Heltinho leva seus produtos até residências ou pontos comerciais. Na época de veraneio, é comum ser contratado para servir a iguaria em casas de praia e eventos. Além de fresca e cruas, também prepara ostras é gratinando, o que fica a critério do cliente.

Já foi contratado para casamentos badalados e festas à beira-mar, servindo cantores famosos, políticos e apresentadores de televisão. “Seja quem for, eu vou tratar bem, não importa o que seja porque o meu objetivo é oferecer o melhor serviço para que todo mundo saia satisfeito”.

Em bares de Natal, é o Rei das Ostras quem faz sucesso. Na terça-feira, atende na Chopperia Petrópolis. Na quarta-feira, serve no bar Caminho de Casa, em Neópolis. Na quinta, é dia de Sangalo, em Lagoa Nova. No sábado, é no Bafômetro onde as deliciosas ostras são servidas. Nas redes sociais pode ser encontrado por @oreidasostrasnatal, no Instagram, ou Wellington da Silva, no Facebook. E para contato comercial – a Bzzz ainda dá mais uma colher de chá, a contar que ele merece: (84) 9 9996-2039.

Ah! No dia da entrevista, o celular do Rei das Ostras não parava de tocar. Eram os clientes pergun-

tando onde ele estaria servindo no dia. Com simpatia, o incondicional fã do América Futebol Clube explicava depois da ligação de um amigo torcedor de um time rival. “Aqui não tem essa de rivalidade entre times, a estrela principal é a ostra”.

Essa é outra peculiaridade de rei. Apesar de americano que faz questão de exibir seu amor incondicional pelo time – não abre mão da indumentária vermelha com a marca do alvirrubro –, é aceito até pelos mais radicais rivais abecedistas (ABC Futebol Clube, o alvinegro). As divergências comentada não passam de brincadeiras, afinal, Heltinho é um bom camarada!



Da praia aos bares e eventos badalados

“Eu não sou candidato a nada”

Diante de uma das vistas mais bonitas da Praia de Ponta Negra, a partir do Ocean Palace Hotel, onde conversou com a Bzzz, o empresário Arnaldo Gaspar Júnior defendeu a política econômica do Governo Temer, falou sobre o Plano Diretor de Natal, o mercado da construção civil no RN, o Sinduscon, a polêmica eleição para a presidência da Fiern e garante que no sindicato encerra sua vida política

Por Leonardo Dantas

Fotos: Thamise Cerqueira



EMPRESÁRIO RESPEITADO, ENGENHEIRO E no segundo mandato como presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Rio Grande do Norte (Sinduscon/RN), Arnaldo Gaspar Júnior recebeu a equipe da Bzzz na tarde de uma terça-feira, em um dos seus empreendimentos de sucesso, o Hotel Ocean Palace Beach Resort & Bungalows.

Com café e água servidos enquanto constantemente passavam figuras do alto escalão do governo do estado, que se reuniam com o chefe do Executivo no local no momento da entrevista, Arnaldo Jr. discorria que o mercado da construção civil, tanto no RN como no Brasil, vem de um processo muito duro de retração. As vendas caíram, mas a queda mais sentida pelo setor foi o número de lançamentos. “A falta de confiança no futuro fez com quem as construtoras praticamente não tenham feito nenhum lançamento imobiliário na Grande Natal nos últimos dois anos. Isso reflete na queda enorme de estoque de imóveis disponíveis para a população comprar e, o mais grave, reflete absurdamente na questão do emprego”.

De acordo com o empresário, o Rio Grande do Norte perdeu cerca de 17 mil postos de trabalho desde o ano de 2014. “A gente bateu no fundo do poço. Mas esperamos que essa estabilidade política permaneça pelo menos até as eleições e que nós possamos retomar os lançamentos”.

Atualmente, para se construir um edifício, explica, são necessários cerca de quatro anos. Em dois anos, se prospecta terreno, elabora-se o projeto e aprova, e são no mínimo mais dois anos para a sua construção. “Então é provável que daqui a quatro anos a gente esteja vendendo o que estamos começando a trabalhar hoje. É muito importante que essa retomada do mercado a partir da agora aconteça. Já sentimos sinais bastante promissores com a economia entrando nos eixos”.

Governo Temer

Mesmo com Michel Temer, do PMDB, considerado o presidente mais impopular do mundo, segundo pesquisa do grupo de análise política Eurasia, Arnaldo Jr. acredita que é necessário separar a popularidade do governo dos seus méritos. “A popularidade de Temer é extremamente baixa, pois envolve a percepção que a população tem das questões de corrupção, que são realmente duras. Mas hoje nós temos o menor índice de inflação desde o início do Plano Real, praticamente. Nós nunca fechamos com a inflação tão baixa. Temos juros que caíram para patamares mais baixos da história do Real. A Selic está muito baixa e não de forma artificial como foi no Governo Dilma em 2011, e sim de forma estrutural. Isso é um mérito dele que é ofuscado por essas notícias ruins que a mídia coloca o tempo inteiro”.

Outro ponto levantado pelo empresário é o que ele chama de “explosivo déficit público”, que na sua opinião deve ser contido, por se correr o risco da inflação ressurgir. “A inflação é o pior dos impostos e é o que mais prejudica os mais pobres e mais humildes. O governo Temer atacou isso com a limitação das despesas orçamentárias. Nós tivemos também a aprovação da modernização das leis trabalhistas que era muito importante e principalmente se tirarmos a ideologia da discussão”.

Arnaldo Jr. cita como exemplo a Fran-

ça, que nas questões trabalhistas sempre foi inspiração para a esquerda brasileira, e que havia engessado a legislação trabalhista a um “ponto absurdo”. Porém, recentemente sentiu a necessidade de modernizar as relações de trabalho, para tentar reverter o índice de desemprego no país, que chega a 9,6% da população ativa. “Não podemos mais ter as mesmas relações que tínhamos no século passado. A tecnologia trouxe novas formas de trabalho que precisam ser contempladas pela legislação trabalhista. Isso foi uma vitória do governo Temer que ainda vamos colher os frutos a partir de quando entrar em vigor”.

A reforma da Previdência é mais “uma reforma que precisa ser feita”, afirma o empresário, que pergunta: “O que pode ser melhor que um governo impopular, para aprovar medidas impopulares, mas que são necessárias? Ele não tem mais nada a perder”. Segundo Arnaldo, a atual previdência beneficia o trabalhador da classe média urbana e o funcionário público de alto escalão, mas é péssima para o pobre. “A reforma da Previdência não é uma discussão ideológica, ela é aritmética, é matemática. As pessoas de baixa renda já se aposentam aos 65 anos, enquanto o profissional liberal que trabalha para o governo, as carreiras de Estado, se aposentam com 52. Enquanto não resolvermos esses déficits explosivos, não colocamos o país nos trilhos”.



Plano diretor de Natal

Desde junho deste ano que o polêmico Plano Diretor de Natal vem sendo discutido oficialmente em diversas audiências públicas. Após 10 anos sem atualizações, o cenário político, social e econômico da cidade mudou, o que carece de uma modernização das políticas urbanísticas. O empresário Arnaldo Gaspar Júnior defende que a cidade passe por um processo de adensamento e não de espalhamento como aconteceu nos últimos anos. “Natal cresceu na direção dos municípios circunvizinhos. Hoje você tem Parnamirim, Macaíba e Ceará-Mirim que viraram cidades dormitórios praticamente, porque o Plano Diretor de Natal expulsou a população do centro da cidade para essas áreas, Natal ficou horizontalizada”.

Com a cidade “espalhada”, os problemas urbanos incharam a bolha. “Vieram consequências muito sérias para a população, que hoje enfrenta um trânsito absurdo para sair dessas cidades ao vir trabalhar no centro Natal. O poder público ficou extremamente sobrecarregado. Com esse fenômeno há uma necessidade de infraestrutura com hospital, creche, delegacia, linhas de ônibus etc. Essa cidade espalhada torna economicamente inviável esses

equipamentos. A horizontalidade criou uma ‘cidade fantasma’ dentro de Natal”, considera.

Arnaldo se refere a bairros como Ribeira, Rocas e Cidade

“

“Numa sociedade de mercado capitalista, o Estado tem que usar as ferramentas desse mercado para atingir os objetivos sociais que ele quer, e não criar áreas isoladas ou verdadeiros guetos, com a justificativa de uma ‘expulsão branca’”

Alta, que no período noturno há pouca ou nenhuma circulação de pessoas nas ruas. “Numa sociedade de mercado capitalista, o Estado tem que usar as ferramentas desse mercado para atingir os objetivos sociais que ele quer, e

não criar áreas isoladas ou verdadeiros guetos, com a justificativa de uma *‘expulsão branca’, impedindo assim o desenvolvimento de uma localidade. É preciso esquecer certos dogmas e deixar a ideologia de lado. Eu advogo que a gente dê as mãos. Tanto o mercado quanto o poder público querem uma cidade inclusiva e acolhedora. Onde todos possam usufruir do espaço”.

Para o empresário seria de grande interesse a ocupação de bairros como as Rocas, Brasília Teimosa, Praia do Meio e o Alecrim, de uma maneira que valorizasse essas áreas. “Nós podemos deixar esses locais atrativos para o mercado imobiliário e ao mesmo tempo manter a população, e a forma de fazer isso é verticalizar. Organizar o ordenamento urbano do Alecrim é muito importante, desde que não aconteça a ‘expulsão branca’. Mas que seja criado um modo de convivência entre a população antiga e a população nova que vai ocupar o local. Até que você tenha uma mistura social. Veja o que como acontece em Areia Preta, onde você tem prédios da classe média alta de Natal, mas ao mesmo tempo as pessoas de Mãe Luiza descem para a praia para praticar esportes ou lazer”.

Natal 100% saneada

As obras de saneamento da zona norte da capital estão previstas para serem concluídas no início de 2018, e por muito tempo a falta de um sistema de coleta de esgotos foi um impeditivo para o adensamento da região. O que causou um atraso no desenvolvimento. Com a finalização desse processo, o engenheiro Arnaldo Jr. acredita que a região deverá ser tratada como outros

bairros da cidade. “Nós precisamos pensar em como vamos ocupar a zona norte da mesma maneira que pensamos em Tirol e Petrópolis. Uma das obrigações do Plano Diretor é regradar essa ocupação da zona norte”.

Sobre o saneamento de Natal, o empresário tem conhecimento de perto, já que uma de suas empresas está realizando as obras. “Eu vejo com bons olhos

essa iniciativa. É um investimento do Orçamento Geral da União e do Governo do Estado, com a Caern à frente. E só a minha empresa, a construtora A. Gaspar, está entregando, agora em dezembro, 350 km de rede de saneamento na Zona Norte, com 16 estações elevatórias. É uma obra fantástica que vai trazer uma melhora na qualidade de vida da população muito grande”.





Sinduscon

“É o meu segundo mandato e último”, ressalta Arnaldo Jr., levantando o indicador. O engenheiro assumiu a presidência da entidade pela primeira vez em 2010, substituindo Sílvio Bezerra, presidente da Ecocil. Em 2014, repetiu o feito em uma chapa de consenso, assumindo seu segundo mandato. “Ao contrário do que os políticos sempre falam em ‘herança maldita’, eu tive uma felicidade muito grande de receber uma herança ‘hiper bendita’. Eu tive um antecessor que colocou o sindicato em um patamar de respeitabilidade e de interação com a sociedade de Natal e da Grande Natal. Encontrei um sindicato bastante estruturado e só tive que dar continuidade”.

Ele conta que seu grande desafio foi manter essa respeitabilidade do Sinduscon potiguar perante a sociedade, pois, segundo o engenheiro, trata-se de um grupo de empresários formais que pagam seus impostos e suas obrigações trabalhistas, mesmo não concordando eventualmente como a forma com a qual são fiscalizados. “Nós conseguimos manter essa percepção que a população tem do Sindicato. Hoje somos chamados para opinar, se posicionar em várias questões, como a do Plano Diretor, e até outras como a do Ministério Público

do Trabalho e Guararapes. A imprensa quer nos ouvir e isso mostra o respeito que o Sinduscon alcançou. Ter conseguido manter e ampliar isso me dá muito orgulho”, comemora.

Arnaldo Gaspar Júnior também lembra o crescimento pessoal que adquiriu exercendo a função. “Eu aprendi muito com

“

Eu não comungo com essa ideia de empresário se perpetuar em cargos de política sindical.”

meu pai. Ele é um *self made man*, um homem que veio de baixo. Mas teve uma coisa que não aprendi com ele, servir o outro. E não falo o outro como pessoa, mas a outra empresa, o concorrente. Aprendi a trabalhar não só pelos meus interesses pessoais imediatos. Eu tive que me dedicar a resolver problemas que não tinham nada a ver

com a minha empresa”.

A possibilidade de um terceiro mandato não existe nos planos de Arnaldo Jr., até mesmo porque o estatuto do sindicato veda essa possibilidade. “O Sinduscon é independente, nós conseguimos blindá-lo de qualquer influência político-partidária. Nossa eleição ano que vem é uma semana antes das eleições para Governo do Estado, para que políticos estejam preocupados com seus pleitos e não no nosso. Reduzi meu mandato em seis meses para que isso acontecesse. Posto isso, eu não tenho nenhum interesse em mudar estatuto, não há espaço para isso. Eu não comungo com essa ideia de empresário se perpetuar em cargos de política sindical, pois é pegar o pior exemplo de político que gosta de se eternizar nos mandatos e trazer para o nosso sindicato”.

Ele destaca também que existe um grupo muito bom de cinco a seis companheiros que estão aptos a continuar o trabalho iniciado por Sílvio Bezerra e continuado por sua gestão. “Eu quero trabalhar dentro desse grupo, que vem junto desde a época de Sílvio, a partir de fevereiro para que saia meu sucessor consensual, e que continuem o trabalho. Quero ficar de longe só observando o sucesso”.

Eleição da Fiern

A ebulição política em que o Brasil se encontra parece ter se propagado por todos os processos eleitorais do país e o pleito para a presidência da Fiern não está de fora. Existe a possibilidade de uma possível mudança no regulamento da entidade que possibilitaria a reeleição do atual presidente, Amaro Sales. “Isso não está confirmado, a gente escuta algumas coisas, mas não sei se realmente ele quer isso. Antes, eu preciso fazer um grande elogio ao presidente Amaro. Ele pegou a Fiern fraturada, que vinha de um processo que havia a deixado com muitas cicatrizes. Com sua habilidade, extremamente amável, conseguiu curar essas cicatrizes. Ele uniu a Fiern, hoje a Federação é extremamente unida”, analisa Arnaldo Júnior.

“

“A Fiern tem uma lista de nomes que podem suceder a atual presidência. Eu não tenho dúvida que quem o presidente Amaro escolher terá o total apoio do Sindicato da Indústria da Construção Civil do RN.”

Como participante ativo da gestão de Amaro Sales frente à Fiern, o presidente do Sinduscon (que tem voto na decisão eleitoral) apoia qualquer nome que for indicado pelo atual presidente. Ele afirma que existem figuras extremamente capazes de assumir a federação, como o seu antecessor no Sinduscon, Sílvio Bezerra, o empresário Sérgio Azevedo, Djalma Júnior, Roberto Serquiz, Terceiro Melo, Vilmar Pereira, Tiago Gadelha etc. “A Fiern tem uma lista de nomes que podem suceder a atual presidência. Eu não tenho dúvida que quem o presidente Amaro escolher terá o total apoio do Sindicato da Indústria da Construção Civil do RN”.

Arnaldo Jr., porém, é contundente em afirma que caso Amaro Sales saia candidato, definitivamente não terá o seu voto e sim sua oposição ferrenha. “Não pela pessoa do presidente Amaro, mas por convicção ideológica própria. Eu deploro a perpetuação de lideranças empresariais nos seus cargos. É horrível, eu acho deletério para a instituição, o que Paulo Skarf, por exemplo, faz em São Paulo, que está indo para o seu quarto mandato na Fiesp. Ele começa a usar a instituição para se candidatar a cargos políticos partidários, como ele tem feito ao longo do tempo. Isso é um péssimo exemplo. Mas, como te disse, eu não acredito que o presidente Amaro, que tem sido extremamente vitorioso na condução da Fiern, vá por esse caminho”.

“

É horrível, eu acho deletério para a instituição, o que Paulo Skarf, por exemplo, faz em São Paulo, que está indo para o seu quarto mandato na Fiesp.”

Com a entrevista encerrada, Arnaldo Jr. chamou novamente o repórter e pediu para frisar, mais uma vez, que não existe a menor possibilidade de se candidatar à presidência da Fiern ou a qualquer outro cargo. “Eu encerro no Sinduscon minha história política sindical. Não sou um nome para concorrer”. Além de suas convicções ideológicas, outros fatores contribuem para essa decisão, como, por exemplo, o processo de sucessão que suas empresas vêm passando e atuação nacional de seus negócios.

“Estamos com obras em Rondônia, Rio Grande do Sul, Piauí e Bahia. E divido junto com meu pai, que já está com 80 anos, a gestão da empresa. Não tem a menor condição, nem eu tenho ambição. Todos esses nomes são extremamente capacitados, inclusive nosso ex-presidente Flávio Azevedo, caso queira voltar e essa seja a vontade de Amaro, terá total apoio do Sinduscon”. Ele ainda brinca: “Preciso voltar a ser egoísta e cuidar dos meus negócios”.



Miller-Fisher no RN

Síndrome rara que acometeu paciente estrangeiro que passava férias no RN foi diagnosticada e tratada com sucesso por hospital da rede privada, o que rendeu homenagens dos EUA

Por Aura Mazda
Fotos: Divulgação



O QUE ERA PARA ser apenas um momento de lazer em uma praia paradisíaca se transformou em um pesadelo para o franco-americano Henry*, de 41 anos. Morador da França e com cidadania estadunidense, ele passava férias no Brasil para um casamento de uma amiga, que ocorreu no Rio de Janeiro. Ainda em ritmo de comemoração, veio conhecer a badala praia de Pipa, no litoral potiguar, quando foi surpreendido com sintomas até então inéditos em sua vida.

Sem origem identificada, Henry contraiu uma bactéria rara. Após sintomas de tontura, dor de cabeça e dificuldade de se equilibrar, foi até um posto de saúde em Tibau do Sul. No local, permaneceu menos de uma semana e de lá saiu direto para o Hospital do Coração, da rede privada de saúde, em Natal.

Em 31 de setembro de 2016, chegou em Natal, desengano e com um quadro que não melhorava. O franco-americano foi acolhido pela equipe médica, que solicitou exames e em menos de dois dias, o diagnóstico estava pronto: síndrome de Miller-Fisher.

Varição da Síndrome de Guillain-Barré, a enfermidade afeta uma em cada 1 milhão de pessoas no mundo anualmente. O diagnóstico e tratamento rápidos podem ser o fator diferencial na evolução do quadro e permitir um prognóstico mais favorável. No Hospital do Coração, o paciente se deparou com uma equipe experiente, que aplicou os tratamentos corretos para que Henry melhorasse significativamente nos primeiros dias internado.

*nome fictício, pois o paciente pediu para não se identificar.

Síndrome de Miller-Fisher

O médico André Prudente, que liderou a equipe responsável pelos cuidados do paciente estrangeiro ressaltou a raridade da doença. Atuando como médico em Natal há 13 anos, só tinha se deparado com outros dois casos semelhantes. “Os franceses têm pré-disposição genética para a doença, que ainda é estudada”, disse o médico. Ele explicou que dife-

rente da Síndrome de Guillain-Barré, a de Miller-Fisher se caracteriza pela ataxia (dificuldade de equilíbrio), oftalmoplegia (paralisia nos músculos do olho) e dor de cabeça.

As causas para a doença são muitas, no entanto o infectologista apontou como a principal delas uma bactéria, que é comum. “Mas nem todo mundo que contrai a

bactéria adquire a síndrome. Cerca de 0,5% das pessoas desenvolvem a Guillan-Barré, quando não tratada a tempo, o risco da doença passa a ser de moderado a alto”, disse o médico. A recuperação da doença depende de fisioterapia e remédios, e pode demorar meses. No caso de Henry, ele continua sendo tratado em Paris, onde reside.



Médico André Prudente, que liderou a equipe responsável pelos cuidados do paciente estrangeiro



A equipe do Hospital do Coração recebeu homenagens

Homenagem

Um ano depois de ser acometido pela doença, Henry voltou à vida normal na França. No Brasil, a equipe do Hospital do Coração foi homenageada pelo consulado dos Estados Unidos. De acordo com as autoridades do Consulado dos Estados Unidos em Recife, o atendimento realizado pela equipe e também a ajuda prestada ao Consulado durante o período em que o paciente esteve internado foram muito além das atribuições normais de um hospital.

Como forma de agradecimento pelo serviço prestado, o

Cônsul, Edith Lee; a Vice-Cônsul, Cristian Martinez-Lusane; e a assistente consular Janaína Brito entregaram certificados de apreciação à direção do Hospital do Coração, representada pelo diretor médico Elmano Marques, ao médico André Prudente e à gerente de enfermagem, Suerda Menezes. A entrega dos certificados aconteceu na diretoria do hospital, dia 18 de agosto deste ano.

Antes de ser cônsul do Brasil, John Barrett tinha sido cônsul na Austrália. Ele teve conhecimento de dois estadunidenses que estiveram lá, desenvolveram

a Síndrome de Miller-Fisher, mas que levaram em torno de três meses para chegar a um diagnóstico, o que acarretou em sequelas para a vida inteira. “No caso do nosso paciente, em menos de uma semana ele já estava com o tratamento específico e não teve nenhuma sequela”, frisou o médico André Prudente.

André agradeceu a honraria e ressaltou que a melhora do paciente é o maior feito que poderia ganhar. “Desempenhamos nosso papel da melhor maneira possível, esse reconhecimento foi consequência”, agradeceu.



Laine Paiva

GILSON BEZERRA

Muito mais que a terra do sal

Macau é lugar de poetas, carnaval, praia e história e o segundo destino da série Segredos de Viajante

Fotos: Laine Paiva e Evaldo Gomes



MACAU

ESTA É A TERRA QUE AMO.
DE MIRAGENS, PEIXES E BÚZIOS,
DE CHEIRO INTENSO DE MARESIAS,
DE FOSFORESCENTES OSTRAS, DE CORTE DE NAVALHA,
ENLAÇADAS NO CAULES DOS MANGUES ESCUROS.
DE AVES EM BRANCOS VÔOS,
ETERNIZANDO OS GESTOS
E OS PASSOS DA INFÂNCIA.

GILBERTO AVELINO

VISITEI MACAU PELA PRIMEIRA

vez nos anos 70, com meus pais, num dia de domingo de Carnaval. Lembro de ter ficado assustado com os papangus que enchiam as ruas e de ter me impressionado com as cores e animação do bloco de Colô, o pioneiro do carnaval macauense. Uma orquestra tocando marchinhas na Praça da Conceição e um homem vestido de mulher com um pano amarrado na cabeça. As demais lembranças são da água muito salgada da praia do Aiki-ki, do forte odor do mangue na entrada da cidade, dos morros de sal, gosto dos frutos do mar em um restaurante com varanda e vista para a maré. Mais tarde, já adolescente, voltei para viver os melhores carnavais da minha vida. Me sinto em casa em Macau e essa minha relação com a cidade foi embalada pelos versos de Tio Gilberto Avelino, poeta macauense casado com minha Tia Dedete, que cantou as suas belezas como ninguém.

A cidade, que fica distante da capital cerca de 180km e faz parte do Polo Costa Branca, tem passado glorioso. Seu nome é atribuído à província portuguesa na China (A-man-gao), que significa *Porto da Deusa Ama*, mas nosso Macau tem personalidade própria. Terra de músicos, poetas e escritores, Macau sempre teve tradição carnavalesca, espírito festeiro, disposição para a boemia. A vida social intensa, com grande número de cabarés existentes no período áureo era alimentada pela significativa produção de sal e o constante fluxo de visitantes que vinham fazer negócios, embarcações de Pernambuco e da Paraíba em intenso comércio.

Fotos: Laine Paiva





Segundo Câmara Cascudo no livro “Nomes da terra”, *A ilha de Macau já possuía esse nome velho em 1797 mas seria povoada apenas na década 1820-1830. Anteriormente seria deserta por não ter água.*

Macau foi povoada com a população da ilha vizinha de Manoel Gonçalves que submergiu às águas da maré. Desmembrou-se do município de Angicos em 1875, tornando-se município. A localização estratégica e a riqueza natural impulsionaram a economia do município e a cidade conheceu seus dias de glória no final do século XIX e início do século XX, quando se consolidou como o maior produtor de sal do Brasil, importante polo pesqueiro e entreposto comercial de farinha, carne de sol, peixe seco e couro. O declínio da navegação e a mecanização da produção salineira geraram uma decadência na economia local, logo superada pelo aumento da exploração mineral de petróleo e gás, recursos naturais abundantes na região.

A maior atração do município são as suas praias pontilhadas de salinas e mar muito azul. A principal praia da cidade é a de Camapum, que está localizada entre a Ilha de Alagamar e a sede do município, tem longa faixa de areia e se estende até a foz do Rio Assu/Piranhas. Para se chegar a Camapum, até a década de 80,

SEGREDOS DE VIAJANTE

era preciso atravessar um trecho de mangue, caminhar por mais de um quilômetro de dunas e restinga e só assim chegar ao oceano. Na década de 80, foi construída uma estrada, oportunizando a população e visitantes terem acesso ao litoral. A Praia

de Camapum, hoje urbanizada e equipada com quiosques e barracas, é a mais visitada da cidade e palco de muitas festas. A outra praia próxima da cidade é a Praia de Pontal dos Anjos, de difícil acesso. Localizada na Ilha da Casqueira, só pode ser alcan-

çada de barco.

As demais praias estão nos distritos de Diogo Lopes e Barreiras, no estuário do Rio da Ponta do Tubarão, que eu considero um dos trechos mais bonitos do litoral do estado. Mas isso já é assunto para outra viagem...

Laine Paiva



Laine Paiva

Laine Paiva



Evaldo Gomes



Evaldo Gomes





Evaldo Gomes



Evaldo Gomes





Potiguar de propósito

CEO da Riachuelo, o empresário Flávio Rocha, que acumula junto ao patrimônio familiar uma das maiores fortunas do Brasil, segundo a Forbes, fala sobre a curiosa origem dos nomes das empresas do grupo, que remetem a batalhas, como Guararapes, Riachuelo e Midway. Também fala sobre o mercado e as perspectivas de investimentos

Por Ana Paula Davim
Fotos: Carlos Magno



EM POUCO MAIS DE 50 minutos de conversa, o empresário Flávio Rocha cita a expressão “propósito” uma dúzia de vezes. Ele reconta à reportagem, em tom animado, a fábula que costuma apresentar em todos os seus grupos de *trainees* sobre uma construção. “Dois trabalhadores carregando tijolos num sol a pino. Um com a cara de poucos amigos e outro com um sorriso nos lábios. O que estava com a cara fechada resmungava ‘esse meu emprego é um suplício’. O outro que estava sorridente, fazendo exatamente a mesma coisa: ‘estou construindo a catedral da minha cidade’. Qual é a diferença dos dois? Um era um mero carregador de tijolos e o outro tinha um sentido de propósito, com os olhos postos na real missão do que ele estava fazendo”.

Inclusão por meio da moda é o que propõe o CEO das Lojas Riachuelo, do Grupo Guararapes, para seus 40 mil funcionários espalhados pelo país. “Levando o que era um sonho inacessível, que tem a ver com a autoestima das pessoas, de fazer se sentir bem, democratizando a moda. Moda que era sempre um mundo excludente, elitista, de nariz empinado. E a Riachuelo por ser um modelo de negócio absolutamente peculiar que sinergiza fábrica, loja, financeira, está conseguindo alargar as portas de acesso desse mundo”.

Com a loja de número 300, inaugurada em outubro (28), o Grupo Guararapes comemora seus 70 anos de atuação. A escolha do local para a nova unidade não foi em vão. É na cidade de origem, Natal, onde a história empresarial começou. Em 1947, o fundador do grupo, Nevaldo Rocha, abriu sua primeira loja de roupas, chamada “A Capital”. Quatro anos depois, inauguraram a pequena confecção no Recife, capital pernambucana. A fábrica Guararapes veio em 1956, retornando com a matriz para Natal após dois anos.

Nomes de batalhas

Flávio Rocha, filho de Nevaldo, explica que, muito embora o empreendedorismo seja ainda uma batalha diária a ser enfrentada, os nomes das empresas do grupo virem de episódios bélicos foi uma sucessão de coincidências. “A primeira foi a Guararapes, por causa do Monte dos Guararapes, cenário da batalha final da expulsão dos holandeses. É um nome forte, sonoro e do Recife, que é onde nasceu a [indústria] Guararapes. A segunda batalha veio em 1979, quando a Guararapes comprou 100% das ações da Riachuelo, nome da batalha final

da guerra do Paraguai, também um marco na nossa história. A terceira batalha é de Midway. Esse sim foi o único nome de batalha deliberadamente escolhido, porque meu pai gostava desse nome. No começo da vida dele, quando Natal era uma base militar importante dos Estados Unidos por causa da sua posição estratégica, falou-se muito na batalha de Midway, que foi a resposta americana ao ataque a Pearl Harbor. Ele ficou com esse nome na cabeça, e foi escolha dele para o nome da nossa financeira, um ano antes do shopping Midway, também”.

Divulgação Riachuelo







Liderança do grupo

Ao definir a linha de sucessão do maior grupo empresarial do ramo têxtil da América Latina, o presidente das Lojas Riachuelo compreende sua atual liderança como um movimento natural que refletiu as mudanças do ramo têxtil. “Seu Nevaldo é um líder com um perfil industrial. O que aconteceu nesses últimos anos no mundo todo foi um deslocamento das atribuições que antes eram da indústria, o comando estratégico das cadeias de suprimento: a gestão de marca, desenvolvimento de produto, a formulação estratégica, a inovação. O varejo era o coadjuvante”.

Graças à máquina leitora de código de barras - isso mesmo! - a aferição da demanda do consumidor reestruturou o processo: o que antes era a cadeia de suprimento empurrada pela produção industrial passou a ser uma cadeia de demanda, puxada pela vontade do consumidor, fazendo com que o varejo ganhasse maior controle. “Isso aconteceu naturalmente aqui na Guararapes. Seu Nevaldo com a liderança mais hierárquica, centralizadora, porque indústria é mais centralizada, e eu que faço esse papel mais de missionário, de uma liderança mais compatível com uma empresa de varejo. Não houve a disputa de espaço”, explica.

“

Claro, perdi tempo da minha vida, me arrependo de ter desperdiçado convívio com um homem genial, mas não tinha a maturidade que tenho hoje, senão não teria desperdiçado tempo com conflitos estéreis.”

Indo além da fluidez entre a relação corporativa, o empresário também não esconde a admiração de filho que tem pelo fundador da empresa, e lamenta não ter aproveitado ainda mais os ensinamentos do pai em sua juventude. “Claro, perdi tempo da minha vida, me arrependo de ter desperdiçado convívio com um homem genial, mas não tinha a maturidade que tenho hoje, senão não teria desperdiçado tempo com conflitos estéreis”.

Flávio Rocha na atividade política

Um dos mais ferrenhos defensores do estado mínimo e da livre iniciativa, Flávio tem o discurso apaixonado sobre temas como reforma trabalhista, desregulação do mercado e privatizações de empresas estatais. A ponto de usar frases quase messiânicas como “a sabedoria do juiz mais sábio que existe é o livre-mercado”, que considera “a mão de Deus intercedendo sempre em favor do mais esforçado”. Mas nega veementemente que esteja considerando um retorno - já especulado - às atividades políticas: “Eu já paguei essa matéria”, brinca. “Foi um grande aprendizado, o Rio Grande do Norte, com a generosidade do seu povo, me honrou com dois mandatos. Fui, com muito orgulho, muito bem votado. Fui o caçula da Assembleia Nacional Constituinte, mas acho que hoje eu sou mais útil na minha cadeira empresarial. Não tenho nenhum projeto político”.

Em contrapartida, o empresário afirma que se espelha diretamente no fundador da rede espanhola Zara, especialmente em respeito à atuação pelo seu estado de origem: “O meu propósito de vida é fazer o que um homem excepcional que eu tive o privilégio de conhecer pessoalmente, que é

Amancio Ortega, fez pela Galícia, uma região da Espanha que tem muitas similaridades com o Rio Grande do Norte, entre elas a vocação têxtil que existe. Eu imagino a Riachuelo com mil lojas despejando pedidos no estado, o RN com essa habilidade natural da mulher rendeira, da habilidade têxtil, isso é transformador. Porque cada emprego que é gerado numa loja gera cinco empregos nos fornecedores. E o RN tinha total condição de absorver toda essa mão-de-obra. Então isso é mais importante do que qualquer papel de mandato político”.

Mas, sob o ponto de vista sustentável - o mundo vai aguentar o ritmo do *fast fashion*? - o conceito implica em uma produção mais rápida e de novidades contínuas no mercado. O empresário defende que a compreensão do termo não deve ser sinônimo de consumismo desenfreado. “Nada mais distante da realidade, porque o setor têxtil é o setor de inclusão por excelência. Falamos aqui de inclusão através da moda. Pessoas que estão vendo sua autoestima vir à tona, fazendo as pazes com o espelho, se sentindo incluídas, um sentimento de pertencimento através da moda. Mais do que isso, é a inclusão pelo trabalho”.





Futuro próximo

Sobre os próximos anos do Grupo Guararapes, Flávio Rocha confirma que serão ainda em território nacional. “Estamos muito focados no mercado interno, mesmo porque a Riachuelo-Guararapes é a maior empresa de moda do Brasil, mas que tem pouco mais de

1,5% de participação no mercado. O mercado brasileiro é 10 bilhões de peças de roupa, nós vendemos ano passado 170 milhões; 1,7%. Em qualquer mercado mais maduro, o líder tem 15%, 20% de market share, então, tudo está por ser feito aqui no Brasil”.

Comendo com os olhos

A intervenção de redes sociais no surgimento de ideias de micro e pequenos empresários do setor de alimentos. Pelo Instagram, o primeiro desejo vem com olhar

Por Hayssa Pacheco



POSTAR FOTOS E REENCONTRAR virtualmente os amigos não são as únicas funções das mídias sociais digitais. Para muitos empreendedores, as chamadas plataformas online são o principal, para não dizer exclusivo, veículo de propaganda. Em tempos modernos, Facebook, Instagram e outras redes de relacionamento fazem a função do antigo boca-a-boca e se mostram bastante eficazes, principalmente para os micro e pequeno empresários cujos orçamentos não permitem verba para publicidade.

A gratuidade e o alcance dessas ferramentas são os atrativos para os pequenos empreendedores. “Fazer propaganda nos meios convencionais como revista, televisão, entre outros veículos é muito caro. O micro e pequeno empreendedor não têm verba para isso. As mídias sociais funcionam como um ótimo canal de venda para eles. O primeiro contato é feito pelo Instagram, por exemplo, e o detalhamento da venda é pelo WhatsApp”, explica o gestor do projeto da Indústria de Alimentos e Bebidas do Sebrae-RN, Horácio Barreto.

Para cada área existe uma mídia social mais adequada. No setor de alimentos e bebidas, que tem Barreto como gestor, o Instagram, por ser uma rede social de fotos e vídeos, apresenta o melhor resultado. “De 100 empreendedores dessa área, 60% a 70% utilizam as redes sociais para divulgar seu produto. Vou além. Boa parte deles faz 100% de suas vendas por esses meios”, garante.

“As mídias sociais são muito importantes para os empreendedores, mas é preciso ter cuidado, pois elas podem ser o sucesso ou o fracasso do negócio”, alerta, “Assim como elas são uma ótima fonte de propaganda, o consumidor pode usar o próprio meio de propaganda para falar mal do produto se o empreendedor não entregar algo de qualidade. Também é preciso realizar um bom atendimento e saber equalizar a demanda do mercado com a sua produção”. Por causa de todas essas variantes, o Sebrae oferece consultoria em diversas áreas, inclusive para ensinar o empreendedor a trabalhar com as ferramentas digitais.



@sebraern



(84) 99911 0160



0800 570 0800



www.rn.sebrae.com.br



Horácio Barreto,
gestor do projeto
da Indústria de
Alimentos e Bebidas
do Sebrae-RN

Doce surpresa

Um bom exemplo de sucesso dessa parceria com as mídias social é o *Sonho de Brownie Natal*, que tem mais de 20 mil seguidores. “Costumo dizer que sou cria do Sebrae. Eles me deram várias consultorias e eu assisti a uma palestra sobre mídias sociais, o que aprendi lá foi muito útil. Após essa palestra, a visualização do Instagram e as venda impulsionaram meu negócio”, afirma Vinícius de Araújo

Calazans, que hoje tem 18 anos e há quatro anos vende brownie.

Ele começou vendendo o bolinho no colégio para atender ao pedido dos colegas. Seis meses depois já começou a entregar para o primeiro restaurante. Atualmente a produção do *Sonho de Brownie* fornece a mais de 30 restaurantes, onde entrega o brownie tradicional, sem contar com os clientes do Instagram para os quais vende

outros produtos, como a pizza, o vulcão e a montanha de brownie, além do brownie recheado. Vinícius produz 750 brownies tradicionais por semana e conta apenas com a ajuda da mãe, que contribui embalando o produto e também com a entrega. No primeiro semestre de 2018, ele vai abrir a primeira loja da marca.

 @sonhodebrownie_



Vinícius Calazans tem 18 anos e está à frente do Sonho de Brownie



Hoje, o negócio é a principal renda da família

Linha fitness

Outro segmento que vem crescendo bastante é o dos alimentos fitness. Foi nessa mudança na alimentação de boa parte da sociedade que Wagner Aguiar pegou carona. Há quatro anos, ele iniciou uma pequena produção de polpa de fruta detox, que surgiu como um complemento da renda familiar, com a produção de 500 polpas por mês. Hoje, o negócio é a principal atividade da família. “Eu pedi demissão do emprego e hoje nós produzimos 15 mil pouças por mês. Deixei de ter ponto de venda, faço a entrega a 300 pontos de venda que existem espalhados por todo o Nordeste, São Paulo, Belo Horizonte e Belém”.

Todo esse crescimento foi apoiado na divulgação feita nas redes sociais. “Nós começamos fazendo Facebook, depois migra-

mos para o Instagram, que tem uma comunicação mais rápida. Também fiz ações de marketing junto a alguns blogueiros, que fizeram a divulgação do produto também no Instagram. A visibilidade que essa rede social nos deu foi muito importante, e ainda é, para nosso crescimento”, diz. Com a experiência, ele aprendeu a deixar o seu feed (página) do Instagram mais atrativo e passa essa experiência para seus franqueados. “Acredito que, ao contabilizar os seguidores de todas as contas dos franqueados no Instagram, já somamos cerca de 100 mil seguidores”. Mais um exemplo que contou com o apoio do Sebrae potiguar

 @mrdetoxnatal



Melhor foto

Com pouco mais de dois anos de mercado e subindo dos 78,5 mil seguidores, o *La Sweets* também é outro exemplo de sucesso das mídias sociais. “Atribuo ao Instagram entre 40% e 50% do sucesso da minha loja. Em primeiro lugar vem o sabor e a qualidade dos doces que fazemos”, avalia a empresária Larissa Pio, que recebe em sua loja de 30 a 40 pessoas por dia. É a própria Larissa quem atualiza o seu feed. “Eu sei como fazer a foto, qual o melhor horário para postar, quando devo postar e o que eu preciso colocar no Instagram. O que eu

coloco lá repercute na loja, pois é sempre o campeão de vendas. Eu sei qual a foto que desperta a vontade de comer o doce”.

Larissa começou vendendo doces a pedido de amigos que gostavam dos bolos e doces que ela fazia para as festas da família. Em 2015, após sair do emprego no Tribunal de Justiça, achou que era a hora certa para abrir sua loja de doces e salgados. Apesar do sucesso que já alcançou, diariamente está na cozinha comandando a produção.

 @laweets



Larissa Pio recebe de 30 a 40 pessoas por dia



Com apenas uma atitude você pode ajudar a cuidar de Parnamirim.



Não coloque Lixo após coleta. Respeite os dias e faça sua parte para que a cidade se mantenha limpa.

Segundas, quartas e sextas:

Bairros

Caminho do Sol, Centro, Cidade Verde, Coophab, Emaús, Jardim Planalto, Liberdade, Nova Parnamirim, Parque Industrial, Parque de Exposições I, Parque das Árvores e Praias (Via Principal), Pium e Cotovelo.

Terças, quintas e sábados:

Bairros

Bela Parnamirim, Blumenau, Cajupiranga, Cohabinal, Jôquei Clube, Monte Castelo, Nova Esperança, Parque de Exposições II, Passagem de Areia, Santos Reis, Santa Tereza, Vale do Sol, Vida Nova, Praias (Via Principal), Pirangi do Norte.

Domingos

Praias (Via Principal), Centro e Mercados.

Para entulhos e podas, ligue:

0800 281 6401



PREFEITURA DE
PARNAMIRIM
Cuidando de você.



Todo mundo quer

Ter pele saudável é desejo geral, mas principalmente quando chega o verão, os cuidados podem – embora não devam - ficar esquecidos por muitos

Por Vânia Marinho

Fotos: Divulgação



O VERÃO VEM CHEGANDO e com ele a delícia, o risco e as tentações da estação mais esperada do ano. Para quem mora na famosa “noiva do Sol”, Natal, é bom sempre estar prevenido, seja contra os efeitos nocivos do sol na pele, seja no dia a dia contra o envelhecimento.

No Brasil, há produtos de ótima qualidade que não deixam a desejar a grandes marcas europeias. A procura por esses produtos é a prova de que além da vaidade, há uma preocupação com a manutenção de uma pele saudável, sempre com bom aspecto.

Uma das boas marcas nacionais, a Dermage está apostando na linha anti-idade e também em produtos de proteção solar, e tem alcançado grande público, com idades variadas, que não se reduz ao universo feminino. Os homens também cuidam da pele e muitos são clientes assíduos, de acordo com a franqueada da Dermage Fatima Jales. As máscaras e a vitamina C para o rosto estão entre os mais procurados. Cuidado com a pele é um fato e todos se preocupam independente de sexo, idade etc.



Fatima Jales, franqueada da Dermage



SÁUDE DA PELE

Sobre a importância da atenção com a pele, o dermatologista Helder Nobre afirmou que os cuidados com a pele relacionados ao envelhecimento são saudáveis e devem começar desde cedo. Contudo, é importante ter em mente que o envelhecimento é inevitável e a busca pela juventude eterna pode ser nociva quando interfere na autoestima ou no comportamento do indivíduo. Helder afirma ainda que o bom é envelhecer bem, mas sem neuroses.

Quanto aos cuidados com a pele durante a exposição solar, o dermatologista lembra que Natal é uma das cidades com maior incidência solar das Américas e isso implica em cuidados redobrados com proteção solar. A indicação é uso diário de protetor. No veraneio, o protetor deve ter um alto fator de proteção solar, de preferência acima de 30, e durante a exposição deve ser reaplicado a cada hora. Helder Lira enfatiza que crianças a partir dos seis meses de vida já podem usar protetores. Antes dessa idade, só o famoso banho de sol, bem cedo e em horário reduzido.

Para concluir, um lembrete aos turistas: todo cuidado é pouco e é melhor ter parcimônia na hora de se expor ao sol, caso contrário, as férias podem ter dias a menos.



Helder Nobre de Lira, dermatologista, dá dicas

VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com



ALTA VELOCIDADE

No primeiro final de semana de novembro, a Givenchy assinou um espaço de beleza dentro do Paddock Club durante a penúltima etapa da Fórmula 1 GP Heineken. A marca levou os seus lançamentos e novidades para o público feminino e masculino. Sucesso absoluto.

PRONTA PARA O VERÃO

A Animale investiu em florais delicados e no new wave para deixar o verão mais fresh.



PISANDO FIRME

Patrícia Porto, franqueada da Arezzo, lançou a coleção alto verão no Gentil Negócios, no Natal Shopping, paginado pela arquiteta Patrícia de Lima com referência de Mykonos, Grécia, que é tema da coleção.



Patrícia Porto em lançamento Arezzo no Espaço Vip Gentil Negócios no Natal shopping

NATAL COMO INSPIRAÇÃO

O estilista Francisco Costa desembarcou em Natal para conhecer a cultura e a natureza local e desenvolver seu novo projeto. O designer recebeu, entre outros, os potiguares Augusto Bezerril e a atriz Titina Medeiros em jantar no Ocean Palace, com a presença de Gogoia, figurinista da Rede Globo. Em Natal, a passagem do mineiro celebrizado como diretor criativo da Calvin Klein teve produção executiva de Marcílio Amorim.



Francisco Costa, acompanhado de Gogoia Sampaio, é recebido por Camila Cascudo no Instituto Cascudo

BAPHÔNICO

Para quem gosta sempre de manter o esmalte em dia com as tendências, bom apostar no leque de opções do novo lançamento da Nati. Uma coleção que tem como temática principal as expressões usadas costumeiramente no dinâmico e baphônico universo virtual das redes sociais. As tonalidades escuras e fechadas continuam dividindo espaço com tons mais claros.





Wellington Fernandes

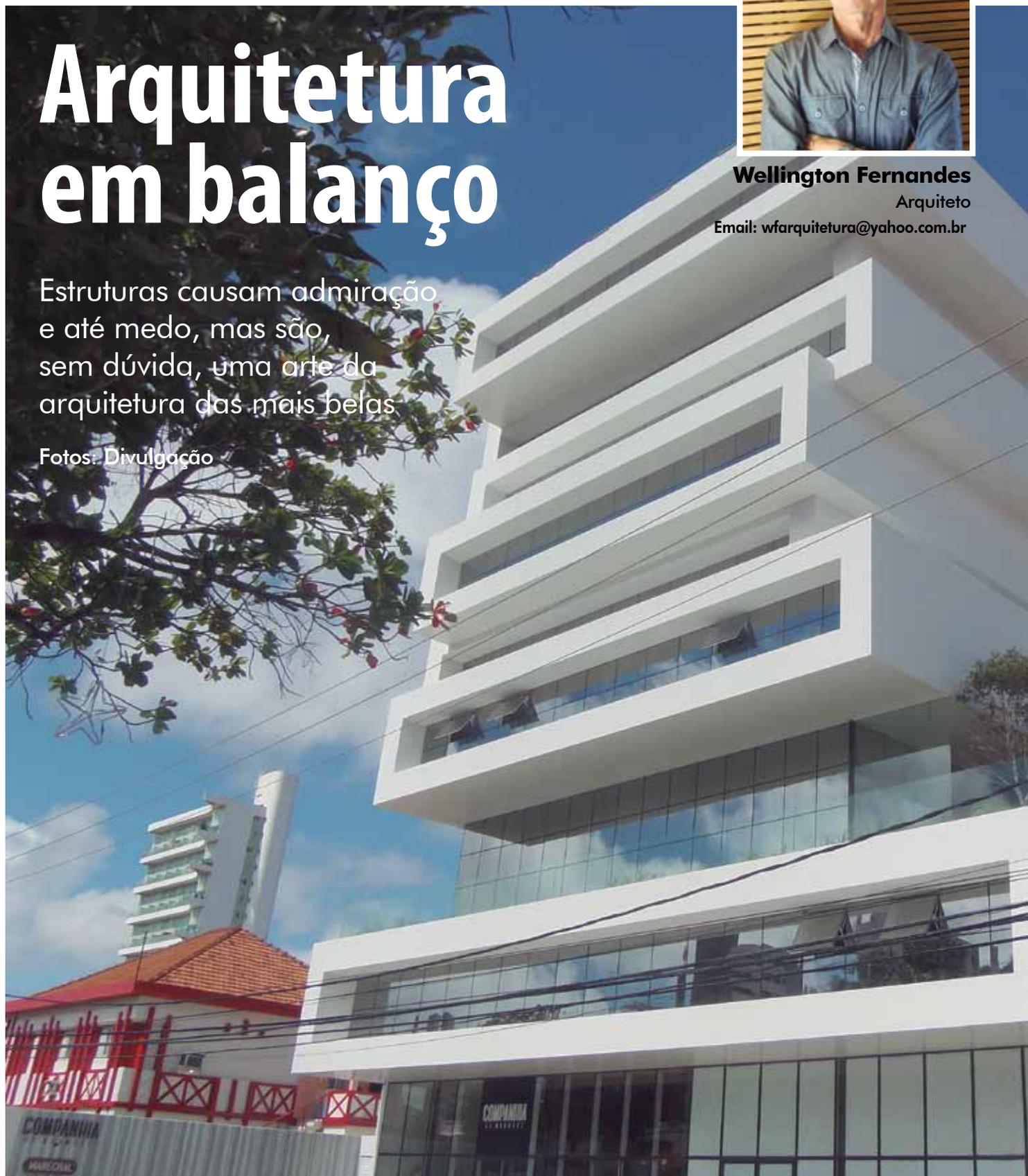
Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

Arquitetura em balanço

Estruturas causam admiração e até medo, mas são, sem dúvida, uma arte da arquitetura das mais belas

Fotos: Divulgação



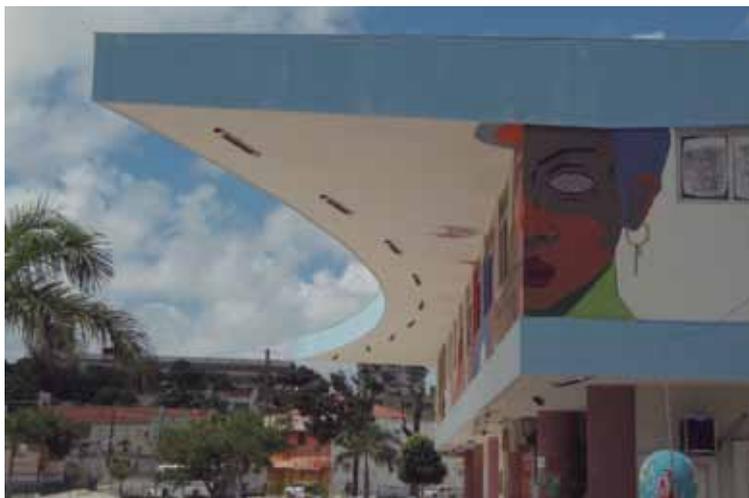


ENGENHARIA, ARQUITETURA E TECNOLOGIA formam uma parceria sem limites quando o assunto é construção. É quase possível executar qualquer estrutura, por mais ousada que seja. Quase tudo está relacionado à arquitetura, desde uma simples casa a um edifício com um quilômetro de altura: todos tiveram projeto,

cálculo e execução.

Na arquitetura, destacamos um elemento que chamamos de balanço, que nada mais é que um recurso arquitetônico que se projeta além da estrutura, sem apoios na extremidade. Isso acontece devido à engenharia que permite essa ousadia e imprime leveza visual, algo que levita.





Em algumas situações, o balanço acontece por motivos estéticos. Volume em balanço realmente chama atenção e torna a arquitetura arrojada, admirável e intrigante. Em outras situações, pode ser a alternativa para solucionar condicionantes de projetos, como terrenos em desníveis que não seriam viáveis para construir aproveitando o perfil natural do terreno. Um exemplo bem comum que podemos observar são as sacadas dos prédios. Às vezes estamos no vigésimo andar apreciando a paisagem, conversando tranquilamente em um ambiente completamente solto no ar.

Balanço em projeto tem impacto no custo final de uma obra, seja de pequeno, seja de médio, seja de grande porte, mas o resultado final vale a pena. O fato é que estamos falando de algo que em qualquer dimensão e proporção causa sensações diversas. Alguns admiram e não se incomodam em estar em locais assim, já outros admiram, porém sentem medo de um ambiente que se projeta além da estrutura, afinal não está apoiada no chão.

Esse tipo de construção é muito comum pelo mundo. Em muitos casos, a ousadia é tanta que realmente o primeiro sentimento que vem a quem está no local seria de medo, mas a tecnologia permite tamanha ousadia com total segurança. Acredito que as estruturas em balanço continuam a avançar sem limites. O sonho de quase todo arquiteto é em algum momento projetar algo em balanço.

NOVEMBRO
AZUL

CONSCIENTIZAÇÃO
E COMBATE AO
CÂNCER DE
PRÓSTATA



Para detectar o câncer, posso somente fazer o exame de sangue denominado PSA?

Não, o teste de PSA não substitui o toque retal. Os exames se complementam. É preciso vencer o preconceito contra o exame de toque, que é rápido e não provoca dores.

Se houver casos de doença na família, corro risco de desenvolver a doença?

Sim, a história familiar de parentes de primeiro grau com câncer de próstata antes dos 60 anos de idade é um fator importante, podendo aumentar o risco de 2 até 10 vezes em relação à população em geral.

O câncer de próstata pode se espalhar para outros órgãos?

Sim, se ele for detectado tardiamente, a chance de metástase, ou seja, de se espalhar pelo corpo é grande.

A doença pode ser prevenida?

Não, porém manter uma alimentação saudável, não fumar, praticar exercícios físicos e visitar um urologista regularmente ajuda na melhoria da saúde em geral e pode colaborar no diagnóstico precoce deste câncer.

Homens a partir dos 50 anos ou dos 45 anos se houver histórico familiar, devem ir anualmente ao urologista.

CENTRAL DE MARCAÇÃO

 (84) 4009.5600  (84) 98827.7178

 **NatalCard**
Tecnologia em nosso caminho



 **Liga
Contra o
Câncer**

BRINDES D'ALÉMAR

Fotos: Bruno de Carvalho/Portugal

A Igreja Santa Maria de Belém, no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, foi o cenário para da celebração dos 70 anos do empresário potiguar Antônio Gentil e 50 anos de casado com Marluce, sob as bênçãos do arcebispo Metropolitano de Natal, dom Jaime Vieira, auxiliado pelo padre Francisco Fernandes e pelo cônego José Manuel, pároco local. Após a emocionante celebração, o casal recebeu no belíssimo Palácio do Governador (Nau Hotel), com brindes de recepção na área da piscina, ao som do casal Camila Masiso e Diogo Guanabara. Depois, jantar no ambiente especialmente decorado para a ocasião, com discursos de todas as gerações, começando pelos netos, filhas, filho e a emoção do aniversariante e do casal Bodas de Ouro. Após o jantar, tilintares do mais puro Porto ao som de grandes fadistas portuguesas. Noite memorável.



Família Gentil: Marluce e Antônio, Filipi Gentil Amanda Costa, Glauber Gentil e Adriana, Daniel Gentil e Sofia Cardoso, Rafael Gentil e Maria Eduarda, Glênia Gentil e Vanilson Bertoldo, Glícia Gentil e Mário Antunes, os bisnetos Gael, Giovana, Gabriela



Marluce e Antônio Gentil seguem para o altar do Mosteiro dos Jerônimos



Recebem as bênção do arcebispo dom Jaime Vieira



Com dom Jaime e padre Francisco Fernandes



O aniversariante é brindado pelos amigos potiguares Ricardo Abreu e Felipe Bezerra



Badalado colunista maranhense Pergentino Holanda e Glênia Gentil



Daniel Namuth e Carla Assumpção (Swarovisk) recebidos por Marluce e Antonio Gentil



Inês e Paulo Nogueira (Deutsche Bank), Ricardo Abreu e Antonio Gentil



Casal de Fortaleza, Washington Bezerra e Renata Santiago



Paulo Nogueira (Deutsche Bank), João Saramago e Sebastião Lorena (Science4You), Glauber Gentil, Hugo Pinto



Detalhe da surpresa para o aniversariante apresentada aos convidados



Casais Glícia e Mário Antunes, Glênia e Vanilson Bertoldo



Zélia de Paula, Inês Nogueira, Isnara Almeida



Casal de músico potiguar, Camila Masiso e Diogo Guanabara encantaram sob a guarda da filha Lia



Carlos Augusto e Rosalba Ciarlini, Isaura Rosado, Rebeca, Charlotte, Philippe, Jan Nebendahl e Karla Rosado de Nebendahl



Detalhes da mesa



Hugo Palhas, Carla Sousa Pinto e Catarina Araújo (BB Lisboa)



Maria Eduarda Lima



Felipe Bezerra e Jaime Vaz (Garrafeira Nacional)



Marluce com Samara Matuza Ribeiro, Emanuele Bezerra, Cristiane Abreu



Portugueses Henrique Araújo e Maria Tereza Costa



Bolo dos 70 anos



Bate-papo entre Eliana Lima, Gentil e padre Francisco Fernandes



Gentil confere emocionado a surpresa de Marluce: marcador de texto com a fachada da igreja de Campo Grande, sua cidade natal



Glicia Gentil e Mário Antunes recebem Pedro e Marta Dias, Julianderson Bandeira e Rodolfo Almeida



Fadistas



Antonio, Filipi e Glauber Gentil recebem o amigo Sérgio Gaspar



Os miúdos Rosado - Rebeca e Charlotte Rosado - com os Gentil - Giovana, Gabriela e Gael

FLASHES E HOLOFOTES

Fotos Paulo Lima/Brasília

Em noite de humor e música, o 14º Prêmio Engenho de Comunicação – O Dia em que o Jornalista Vira, na Embaixada de Portugal no Brasil, teve a atriz Marisa Orth falando sobre vaidade, fama e ego. Evento idealizado pela jornalista Kátia Cubel, há 14 anos. Dos jornalistas e veículos premiados: Eliane Cantanhêde (Melhor Coluna), Jornal Metro (Melhor Impreso), site Metrópoles (Melhor Cobertura de Brasília), O Jota (Melhor Site), Gente Brasília (Programa de Rádio), Bom Dia DF-Globo (Programa de TV), Neila Medeiros - SBT - (Melhor Apresentadora de TV), Camila Bomfim (Jornalista do Ano). E homenagens para os jornalistas Carlos Monforte, Ana Dubex e Laerte Rimoli.



Kátia Cubel e o embaixador de Portugal Jorge Dias Cabral



Delis Ortiz, Camila Bomfim, Ministros, Torquato Jardim e José Múcio Monteiro



Hélio e Ivanilde Querioz



Adelmir Santana e a atriz Marisa Orth



Sônia Andrade e Laerte Rimoli



Carlos Monforte, Elen Szervinski e Marcus Vinícius Furtado



Amador Outorelo, Elizabet Campos e Newton Garcia



Paulo Octávio e o embaixador Jorge Dias Cabral



Ministro José Múcio Monteiro, Vera Brennand, Cláudia Maldonado e o Reitor do UniCeub Getúlio Lopes



Samantha Sallum, Luiz Carlos Braga e Márcia Zarur



Mariana, Vandira e Manuela Peixoto

SOLIDARIEDADE

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Durante a Casa Cor Brasília, a Rede Feminina de Combate ao Câncer pilotou bingo beneficente para manutenção da instituição, pilotado pelas representantes da RFCC Maria Thereza Falcão, Moema Leão, Ana Maria Gontijo, Rita Márcia Machado e Cláudia Falcão, com desfile assinado por Carolina Rezende e delicias do Buffet Rio 40°.



Rita Márcia Machado, Therezinha e Cláudia Falcão



Odete Troita, Carmen Fonseca, Vânia Carvalho e Neuza Coelho



Ana Paula e Lenir Fonseca



Moema Leão e Carolina Rezende



Irene Borges e Heloísa Hargreaves



Cláudia Jucá, Eliane Santos e Márcia Coelho



Irene Maia, Marli Vianna, Aurinete Leite e Lourdinha Fernandes



Carmen Bocorny, Mônica Cruz, Amador Outorelo e Carmen Minuzzi

BORBULHAS

Fotos Paulo Lima/Brasília

Toda cheia de alegria, Kátia Kouzak celebrou grito de felicidade rodeada pelo carinho de familiares, amigas e amigos, sob o tema “Uma Noite em Hollywood”. Começou com happy hour seguido de delicioso jantar, com bela decoração da nora Katharina. Noite regada a vinho tinto, espumante, refrigerante e sucos.



Aniversariante Kátia Kouzak com familiares



Lourdinha Fernandes, July Benevides e Ju Sulz



Maria Olímpia Gardino, Rosângela Meneghetti e Irene Maia



Marleninha de Souza e Selma Menezes



Luzineide Getro com a aniversariante



Valdete Drummond e Lenir Fonseca



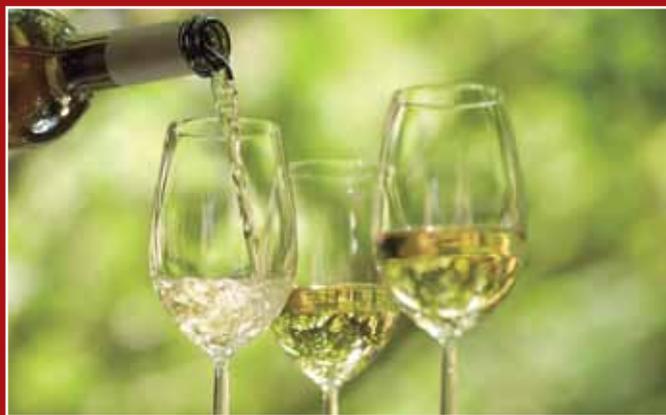
Elaine Caldas, Rita Márcia Machado e Iza Mozzato



Aurinete Leite, Carmen Bocorny e Irene Maia

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



A hora e a vez

Apesar de Natal não conhecer as quatro estações, é fato que o verão faz notar sua presença. Para aguentar o calor, os apreciadores de vinho devem substituir os tintos pelos brancos ou rosés. Consumidos entre sete e 12 graus, são opções leves e refrescantes, acompanhantes ideais para os dias de sol.



Los Molinos Verdejo

Origem: Espanha
Uva: Verdejo
Preço médio: R\$ 45,00
A cidade de Valdepeñas tem sua relevância quando o assunto é a produção de vinhos espanhóis. De lá, saem vinhos bem estruturados e aromáticos, como o frutado Los Molinos. Seu visual é amarelo-limão e seu aroma de pêssego.



Luiz Argenta (L.A. Jovem)

Origem: Brasil
Uva: Sauvignon Blanc
Preço médio: R\$ 80,00
Leve, jovem e bem equilibrado, o branco da vinícola gaúcha Luiz Argenta surpreende por dentro e por fora. Sua garrafa possui design exclusivo. No interior, um vinho de cor amarela com aromas de frutas tropicais.



La Jalgue Bordeaux Château

Origem: França
Uva: Cabernet Franc
Preço médio: R\$ 55,00
Com o atestado de qualidade e tradição que só a região de Bordeaux pode dar, o La Jalgue é uma grande companhia para os dias quentes. Muito refrescante, possui visual salmão brilhante e notas de frutas vermelhas.



Urmeneta Reserva Rio do Cobre

Origem: Chile
Uva: Chardonnay
Preço médio: R\$ 65,00
Com aromas de pêssegos e maçãs e corpo leve, o Urmeneta é versátil para harmonizar, seja queijos ou frutos do mar. Sua coloração é amarela clara e seu sabor possui traço mineral, marca registrada do Vale de Casablanca.

Fotos: Luciano Azevedo

Em formato avant première, a Habitax Urbanismo, do empresário Moisés Dantas, recebeu arquitetos potiguares para conhecer os diferenciais do YBY Natureza - primeiro condomínio reserva do RN. O evento aconteceu no Espaço YBY, com a presença dos três profissionais que assinam o projeto: urbanista Fabiano Pereira, paisagista Benedito Abbud e o arquiteto Leonardo Maia.



Os anfitriões Benedito Abbud, Andrea Cariello, Leonardo Maia, Carol Bezerra, Fabiano Pereira, Andréa Albuquerque e Moisés Dantas



Empresário Moisés Dantas e sua bela Candice



Benedito Abbud com o publicitário Fabrício Finizola



Arquitetas Dalliane Queiroz e Evania Bezerra



Arquitetas Carol Bezerra, Gracita Lopes e Renata Matos



Andrea Cariello, Carol Bezerra e Andréa Alcântara



Arquiteto Leonardo Maia, empresário Moisés Dantas, paisagista Benedito Abbud e urbanista Fabiano Pereira



Arquitetas Larissa Cardoso, Rita Albuquerque e Mariana Dias

A FESTA

Fotos: João Neto

A dupla Tiago Freire e Yuri bagadão pilotou mais uma festa que reuniu os ex-alunos do Colégio Marista de Natal, com o lema “Ex-Aluno Sim, Ex-Marista Nunca!”. Superou as expectativas, ao som das bandas cavalo de Pau, Uskaravelhos, Mesa Doze (participação de Gisele Alves) e Gota Elétrica, no pátio do colégio. Sucesso tal, que a dupla foi convidada para realizar a festa do Marista Pio X, em João Pessoa.



Tiago Freire, Irmão Assis (diretor Marista), Yuri Bagadão



Adriana Galvão e Sílvio Santiago



Carol e Luiz Alcides



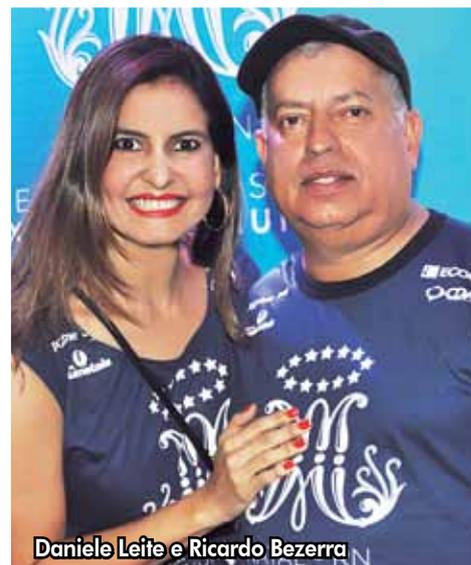
Elaine e Mário Teixeira



Dinara e Diogo Licurgo



Tete Farache e Marcelo Cavina



Daniele Leite e Ricardo Bezerra



Susana e Ruben Fonseca



Flávia e Tobias Germano



Suely Silveira e Hermano Morais



Renata e Gustavo Vila



Janaína e Gilberto Targino



Renata e Rogério Santiago



Renata Serquíz e Sidney Fonsêca



OS DESAFIOS DA CAMPANHA DE 2018

A menos de um ano da eleição de outubro de 2018, protagonistas da política – partidos, pré-candidatos e até formadores de opinião – dão mostras de que não estão fazendo adequada leitura da moldura que abrigará a disputa. A começar pela projeção (geralmente falsa) sobre o desempenho de eventuais competidores.

Exemplos: Luciano Huck ganha de um jornalão a manchete: disparou nas pesquisas, chegando a 60%. Longe de ser um índice de eleitores que hoje votariam nele, trata-se de mera constatação de que os brasileiros aprovam sua maneira de agir. Ora, nesse quesito, Silvio Santos, Faustão e outros animadores chegariam a patamares semelhantes ou até maiores. Jair Bolsonaro, para alguns analistas, começa a entrar na sala do 2º turno, quando se sabe que ele disporá de apertados minutos de TV, tempinho um pouco maior do que o relâmpago usado pelo dr. Enéas Carneiro, do Prona (lembra-se?), para gritar: “Meu nome é Eneas”. Lula, então, já teria tirado o passaporte do 2º turno, quando, a essa altura, não se sabe se será impedido pela Justiça, se for condenado em segunda instância.

Portanto, a especulação campeia, dando vazão a pontos de vista pessoais, abordagens meramente centradas no “achismo”, sem análise mais vertical de vetores e fatores que determinarão o clima eleitoral e serão decisivos na disputa. Vejamos alguns, a

começar pelos recursos bem mais curtos. Assim, não veremos campanhas calibradas pelo marketing espetaculoso, esse adotado no Brasil desde a era Duda Mendonça. A forma predominando sobre os conteúdos, a estética cinematográfica contornando fragilidades dos candidatos, os efeitos visuais utilizados como colírio para enternecer o olhar dos eleitores.

Em 2018, as propostas estarão no centro da mesa eleitoral. Não haverá disfarce capaz de enganar o eleitor mais crítico e principalmente as massas decepcionadas com políticos. Teremos uma campanha onde a razão dominará a emoção. O voto sai do coração para subir à cabeça. O eleitor não vai querer comprar gato por lebre.

O fator econômico funcionará como locomotiva que puxará o trem dos candidatos. Explico melhor com a equação BO+BA+CO+CA: Bolso cheio. Barriga satisfeita. Coração agradecido. Cabeça determinando o voto no patrocinador da equação. Se a economia melhorar muito, veremos subir o PNB – Produto Nacional Bruto da Felicidade. As massas tenderão a votar em candidatos identificados com a argamassa de conforto, bem estar, harmonia. A recíproca é verdadeira: se a economia cair no despenhadeiro, veremos um Salve-se Quem Puder. O oposicionismo dará o tom, puxando seus candidatos ao pódio.

A campanha mexerá com mais

força em alguns eixos do marketing. Como se sabe, o marketing trabalha com cinco eixos: a pesquisa, o discurso (propostas), comunicação, articulação e mobilização. Até hoje, a ênfase se dava à perna da comunicação. Mas a sociedade virou as costas para a política ante os escândalos de corrupção. Indignar-se contra os Poderes. Porém, prestigia suas entidades de classe e de categoria profissional: movimentos, associações, sindicatos, federações, clubes, núcleos etc. Esses novos polos de poder formam um gigantesco motor social. O envolvimento desse motor diz respeito ao eixo da articulação. Ou seja, os candidatos deverão ir ao encontro do eleitor em sua casa, na rua, nos terminais de transporte, nas praças etc. É o que designo de articulação social, canal a ser usado pelos candidatos. Haja sola de sapato.

O desafio se completa com a organização de um bem formatado conjunto de propostas (discurso). Não adianta apenas pedir o voto com um beijinho aqui e um abraço acolá. A mobilização de grupos e setores será um grande desafio, principalmente nessa quadra de descrédito na política. Se houver recursos, que se descubra o que pensa o eleitor: demandas, expectativas, anseios. Daí a importância da pesquisa qualitativa.

No mais, coragem para arriscar: *“somente aqueles que se arriscam a ir longe, sabem até onde podem chegar”* (T. S. Elliot)

O **portaldaabelhinha.com.br** agora
conta também com a organização
e informações da jornalista
Eliana Lima, a Abelha Rainha



elianalima@portaldaabelhinha.com.br

 @elianalima

 @elianalima

 Eliana Lima

 Eliana Lima

**ESCOLA
DA ASSEMBLEIA.
O CARTÃO DE
VISITAS DO NOVO
SERVIDOR PÚBLICO.**

ART&C



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

Com mais de 300 cursos gratuitos entre capacitação, pós-graduação, mestrado e doutorado, a Escola da Assembleia abre portas para o servidor público e para a população. Uma oportunidade de avançar na formação e oferecer um atendimento ainda mais completo e qualificado.

www.al.rn.gov.br  [assembleiarn](https://www.facebook.com/assembleiarn)   

**MARANDA
AYRES**
SERVIDORA PÚBLICA

